

o Prelo

Revista de Cultura
da Imprensa Oficial do
Estado do Rio de Janeiro



Das lutas em torno do mundo da política e do trabalho à plena afirmação da igualdade civil, as mulheres consolidaram seu espaço na sociedade nos últimos cem anos

P. 18

1910-2010 - OS 100 ANOS DA MULHER

CULTURA

O CENTENÁRIO DE AURÉLIO,
O HOMEM QUE VIROU
SINÔNIMO DE DICIONÁRIO

P. 4

COMUNICAÇÃO

RÁDIO ROQUETE PINTO
RENOVA-SE COM
INFORMAÇÃO E MÚSICA

P. 12

LITERATURA

TEIXEIRA E SOUSA, CRIADOR
DE NOSSO PRIMEIRO
ROMANCE, REVISITADO

P. 30

A MELHOR IMPRESSÃO DO RIO PASSA POR AQUI.



A inauguração da nova sede da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro marca a sua nova fase. Ela renasce com forte vocação cultural e com inovações que vão além de uma moderna sede. Para atender a órgãos públicos, dispõe de uma estrutura gráfica moderna e eficiente. Com uma política de desenvolvimento tecnológico continuado, também oferecerá cursos para os diversos níveis de funcionários e contará com um grande investimento editorial, especialmente para a publicação de obras de relevante significado cultural literário, histórico e informativo. O que irá beneficiar a rede escolar, bibliotecas e o público em geral. Tudo isso faz parte de um ciclo de renovação implantado em 2007, que colocou a Nova Imprensa Oficial numa posição estratégica para auxiliar o Governo do Estado na produção de materiais gráficos de importantes campanhas de utilidade pública. Hoje mostra-se como uma empresa viável financeiramente, que gera lucros para toda a população do Rio de Janeiro no presente e no futuro.

Rua Professor Heitor Carrilho, 81 | Centro | Niterói/RJ | 24030-230 | Tel.: (0xx 21) 2717-4141

D.O. GRÁTIS
NA INTERNET, ACESSE:
imprensaoficial.rj.gov.br



NOVA
**Imprensa
Oficial**
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



SECRETARIA
DA CASA CIVIL

SOMANDO FORÇAS



Sérgio Cabral
GOVERNADOR

Arthur Vieira Bastos
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco
Diretor-Presidente

Renato de Oliveira Freitas
Diretor Administrativo-Financeiro

Jorge Narciso Peres
Diretor-Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

o Prelo ANO VIII nº 24

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:
oprelo@imprensaoficial.rj.gov.br

Editado pela Assessoria de
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:
Andréa de Freitas Machado

Redatores:
Procópio Mineiro
Luiz Augusto Erthal

Estagiários:
Mariana Florito
Renata Vieira
Christina Vidoto
Ricardo Chau

Programação Visual:
Regina Leitão
Angela Duque
Luís Fernando da Silva Reis

Tratamento de Imagens:
Alexandre Freitas da Cruz

Revisão:
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

NESTA EDIÇÃO



CULTURA
04 Aurélio, o homem
que virou dicionário

ARQUITETURA
10 Praça de São Francisco,
em Sergipe, eleita Patrimônio
Mundial pela Unesco



COMUNICAÇÃO
12 Rádio Roquete Pinto
combina informação e
muita música

JORNALISMO
16 Biblioteca Nacional - do acervo à pesquisa



CAPA
18 Os 100 anos da Mulher

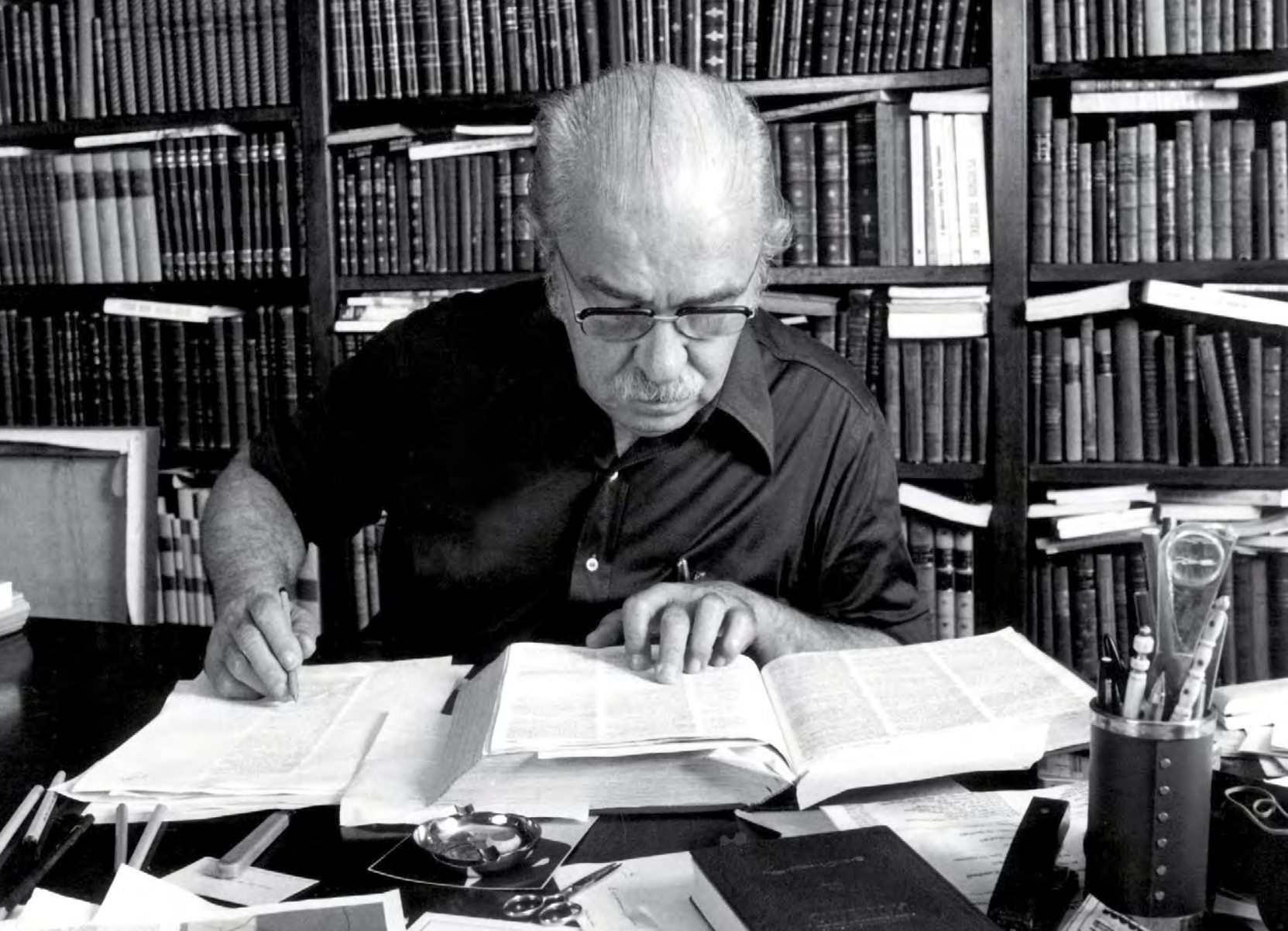
LITERATURA
28 Antônio Olinto e sua viagem cultural

LITERATURA
30 Teixeira e Sousa, o
criador do romance brasileiro



EDUCAÇÃO ESPECIAL
34 Numa Escola, alegria é a palavra de ordem

AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE
EXCLUSIVA DOS AUTORES



Fotos: Reprodução Agência Núcleo Zero / Alagoas

Aurélio em sua biblioteca, em Botafogo

O homem que virou dicionário

Do interior de Alagoas para as prateleiras das bibliotecas, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira converteu-se na própria obra ao lançar o dicionário que seria, logo após seu lançamento, o mais consultado do Brasil. Também contista e poeta, o autor deixou poucas, mas primorosas linhas em prosa e verso.

RENATA VIEIRA

Há cem anos, na pequena cidade de Passo de Camaragibe, em Alagoas, nascia Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, o menino que mais tarde se tornaria sinônimo de dicionário. O “caçador de palavras” do século XX passou a infância rodeado pela pobreza e distante das oportunidades de ascensão, sem, no entanto, deixar

esmorecer seu inexplicável e latente interesse pela língua.

Ainda com 9 meses de idade, mudou-se com a família para uma cidade vizinha, Porto de Pedras, onde cresceu. Aprendeu a ler aos 6 anos, em casa, com a mãe, e desde então já alimentava a paixão pelos livros. Via nas palavras as chaves para descobrir o mundo. Em

entrevista à Revista O Globo, em 1949, Aurélio relembra o desejo de manusear um dicionário: “passei a viver sonhando com a delícia de possuir um livro dessa espécie, mas, como adquiri-lo se meu pai se queixava sempre da ‘crise pavorosa’? Tempos mais tarde vim a descobrir no cartório do tabelião de Porto Calvo o dicionário de Jaime

de Séguier. Aí então fartei-me. Quando queria decifrar o sentido de alguma palavra, corria ao tabelião – e o gordo volume desvendava-me os mistérios vocabulares”.

Ainda adolescente, com 15 anos, Aurélio começou a trabalhar no comércio. Nesta mesma época já esboçava os primeiros versos, então publicados no jornal *O Semeador*, da Arquidiocese da cidade. Após apenas três meses de trabalho na companhia americana Texas, Aurélio perdeu o emprego e, diante de difícil situação financeira de sua família, começou a dar aulas particulares de português. Nesta época, Aurélio já frequentava as grandes rodas literárias de Maceió, onde conviveu com notáveis como Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, José Lins do Rêgo e Jorge de Lima.

Ao contrário de outros grandes nomes da língua portuguesa, Aurélio não cursou nenhuma faculdade de Letras e teve seu último professor de português aos 12 anos. Lêdo Ivo, membro da ABL e conterrâneo de Aurélio, resalta em seu texto “Uma galáxia de palavras”, em homenagem ao mestre, que “tudo o que ele aprendeu, e aplicou em seu labor de lexicógrafo, foi por e em si mesmo, nos livros e nas bocas da vida”.

A partir de 1936, já formado em Direito pela Universidade de Alagoas, Aurélio ocupou diversos cargos importantes na esfera cultural de seu estado. Dentre outros, dirigiu a Biblioteca Municipal e o Teatro Deodoro, em Maceió. Depois de alguns anos à frente dessas instituições e também trabalhando com o ensino da língua, Aurélio foi convidado pelo IHGB, em 1938,



Aurélio jovem, em Maceió

para um estágio na área de estatística, e daí por diante fixou-se no Rio de Janeiro, onde começou a escrever para a imprensa carioca. Logo foi contratado pelo Colégio Pedro II, um dos mais renomados do Rio, para lecionar língua portuguesa. Wilson Choeri, ex-diretor do Colégio e também ex-aluno de Aurélio descreve no livro *Histórias do velho Colégio Pedro II* o trabalho do mestre em sala de aula: análise minuciosa de textos literários, explorando como os aspectos estilísticos trazem a essência de cada autor e de cada história. Choeri conta que “a leitura do professor tinha ritmo, entonação. Não se constituía num cantochão descolorido”. Recordava ainda que o mestre vibrava ao ser indagado sobre o significado de alguma palavra e dava respostas ricas em detalhes. Em 1949, ainda professor do Pedro II, Aurélio declarou à *Revista do Globo* que “de nada serve atulhar a cabeça dos meninos de regrinhas, esquemas,

exceções, diagramas: o importante é fazer que aprendam a língua viva, que saiam do ginásio capazes de sentir o sabor literário, o vigor, a força de uma página”.

No Rio de Janeiro também conheceu Marina Baird, parense filha de ingleses, com quem se casou em 1945. Ela abandonou a carreira de estatística no setor bancário para auxiliá-lo nos constantes trabalhos de pesquisa lexicográfica e tradução. “O Aurélio era uma pessoa muito cordial, um homem de muitos amigos, de trato muito fácil, sempre disposto a atender as pessoas”, relembra a viúva com ternura.

Depois de alcançar prestígio como lexicógrafo, crítico e tradutor, o estudioso da língua foi reconhecido pela Academia Brasileira de Letras. Eleito em maio de 1961, ocupou a cadeira 30, na sucessão de Antônio Austregésilo.

‘LUTAR COM PALAVRAS É A LUTA MAIS VÃ.
ENTÃO LUTAMOS MAL ROMPE A MANHÃ’

Os versos de Carlos Drummond de Andrade ilustram com fidelidade a relação de amor que ligava Aurélio às palavras, sobretudo quando mergulhou no trabalho de construir seu próprio dicionário. Em sua última entrevista, dada ao alagoano Mário de Lima, em 1988, Aurélio explicou que “a concepção de um dicionário exige calma e muita pachorra (do Aurélio: vagar, lentidão). É como uma paixão, uma cachaça da boa. Uma obra interminável que nunca sai perfeita como a gente quer”. E vaticinou: “sou o maior leitor do meu próprio dicionário”.



Dona Marina, continuação do legado de Aurélio

Antes de mergulhar nele, Aurélio, a convite de Manuel Bandeira, participou da elaboração da 3ª edição do *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*, em 1941. Responsável pela parte de brasileirismos, o autor tinha perfil compatível com sua função: sua forte ligação com o Nordeste e sua atenção ininterrupta à fala do povo em cada canto do país o tornava o mais indicado para recolher e listar as palavras brasileiras. Sua atuação no *Pequeno Dicionário* funcionou como ponto de partida para a construção de sua própria obra que, em 1975, se tornou o primeiro grande dicionário da língua portuguesa contemporânea. Aurélio reuniu uma equipe de pesquisadores e assistentes que trabalhavam – em seu escritório na praia de Botafogo – na busca de dados e na análise dos dados que ele mesmo colhia. Dona

Marina conta que ele andava sempre com um caderninho onde anotava palavras. “Se estivesse conversando com alguém e ouvisse alguma palavra

que ele não conhecia, logo registrava. Mesmo quando lia um livro por lazer, ele marcava as palavras que ainda não estavam no dicionário, por isso

o Aurélio veio cheio de novidades”. Ela lembra ainda que “a preparação do dicionário levou muito tempo”. Ele emendava noites trabalhando, não gostava que o interrompessem”, lembra a viúva. Todo o trabalho foi feito por iniciativa do próprio Aurélio. Como não tinha quem o financiasse, pediu dinheiro emprestado para montar a equipe e começar os trabalhos e só depois repôs os gastos iniciais com o que ganhou com os direitos autorais.

Até então, os dicionários circulavam apenas dentro de uma esfera cultural de elite, sem chegar às mãos de leigos. Além disso, muitos dicionários não se preocupavam em registrar os vocábulos e expressões regionais



Posse na ABL, 1961

Como se faz um dicionário

(de um artigo atribuído ao mestre)

Erantes pelo ar, ou engaioladas nos escritos, rumorosas ou silenciosas, as palavras se oferecem com, maior ou menor frequência, aos nossos ouvidos e aos nossos olhos. Senti-las em intensidade e profundidade, captar-lhes, por trás da cortina sonora ou da contextura gráfica, a misteriosa essência do significado; eis o problema. E, não raro, as mais repetidas – direi até: as mais oferecidas – são as mais renitentes a se desnudarem, a exporem à luz, em plenitude, a recôndita alma sutil. Por vezes – e nisto elas se assemelham aos seres de carne e osso – bem perto lhes conhecemos o semblante sem que lhes penetremos o mundo castamente cerrado do espírito. Assim, a leitura de um dicionário re-

quer, antes de mais nada, uma espécie de sexto sentido; o de psicólogo das palavras.

Outro requisito óbvio: a paciência. Coligir em outros léxicos, gerais ou especiais, em glossários e vocabulários, em livros e periódicos, em manuscritos, ou ao vivo do uso oral da língua – palavras, locuções, expressões, frases feitas; defini-las em sua tanta vez numerosas acepções e matizes; aboná-las com exemplos de escritores de várias épocas, buscando estabelecer entre a abonação e a definição o mesmo rigoroso ajustamento que deve existir entre esta e a realidade semântica do definido; remontar às origens, à etimologia – tudo isto (sem falar no extenuante labor da revisão de provas tipográficas) pede e exige paciência de santo.

do Brasil, e ainda se calcavam no português de Portugal. Através da abreviatura *bras.*, Aurélio formalizou a entrada de brasileirismos no dicionário.

“Cada verbete é uma pequena história de uma grande história. O dicionário é o mundo dentro da língua”, diz Evanildo Bechara, autor da *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. O estudioso enfatiza: “Mesmo que você tenha uma pálida idéia do significado de uma palavra, sempre vá ao dicionário. Uma vez indo lá, sempre leia o significado de mais três palavras na página de consulta. É assim que ampliamos nosso vocabulário. O



Aurélio trabalhando com Marina, 1969

Gentileza da ABL



Evanildo Bechara, gramático e lexicógrafo

vocabulário é a janela da língua para o mundo”.

Além de contemplar os regionalismos, o dicionário Aurélio trouxe mais novidades para a lexicografia. O caráter enciclopédico do dicionário e a extensa exemplificação através das abonações literárias são boas razões para tanta popularidade. Aurélio parte para outras áreas do conhecimento, explicando não só o significado do verbete dentro da língua, mas trazendo também terminologias técnico-científicas. O leitor encontra muitos exemplos extraídos dos grandes clássicos da literatura, visualizando, assim, o significado em um contexto de aplicação. Os exemplos também permitem delimitar significados plurais de uma única palavra. Para Evanildo Bechara “as palavras têm suas ‘franjas’, suas nuances, isto é, suas acepções especiais. Por isso, o mais importante é que haja uma descrição vertical das palavras”. Por isso, o talento como prosador, poeta e tradutor de Aurélio foi

o toque mais especial do dicionário criado por ele. “Sua veia literária com certeza enriqueceu e diferenciou seu trabalho como dicionarista.”

Desde 1975 até hoje, foram lançadas 5 edições do dicionário Aurélio – versões mini e ampliadas –, inicialmente pela Editora Nova Fronteira e mais recentemente pela Editora Positivo, sob a coordenação de Dona Marina Baird Ferreira. Atualmente, uma equipe de três pesquisadores trabalha todos os dias no escritório da casa de Dona Marina, em Ipanema.

POR TRÁS DO LEXICÓGRAFO: PROSA, POESIA E CRÍTICA

Muito mais do que fonte de exemplos para o lexicógrafo, a literatura era uma paixão e, por um tempo, foi um ofício. Ainda adolescente, quando trabalhava no comércio, empenhou seu primeiro salário no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Passando por jornais locais e alcançando para a imprensa do Rio de Janeiro, em 1942 Aurélio lançou o livro *Dois Mundos*, premiado dois anos depois pela Academia Brasileira de Letras. A coletânea de narrativas expressa com doçura as lembranças da infância em Maceió e os casos curiosos da vida provinciana do interior. Em um de seus contos mais famosos, “O chapéu de meu pai”, Aurélio rememora a singular figura de seu pai, Manuel Hermelindo Ferreira, no dia de seu velório:

“Meus olhos se cravam no chapéu. Está no cabide tal como meu Pai o usava - quebrado para a frente - o chapéu marrom, comum, de abas debruadas, o chapéu de meu Pai. Por menos que deseje pensar nisto, meu Pai

começa a emergir, vivo, bulindo, desse chapéu, que era seu. Vendo de lado o chapéu, estou a ver o dono de perfil, o nariz breve e saliente, o rosto sanguíneo, um tanto cavado nos últimos tempos, a costeleta curta, uma parte do bigode, ruivo e ralo, de que ele nunca abriu mão.”

(O chapéu de meu pai, *Dois Mundos*, 1942)

Minuciosamente organizadas, cada palavra adquire densidade incomum nas mãos de Aurélio, sobretudo os adjetivos. Também na poesia, Aurélio revelou toda sua paixão pela literatura e seu primor no manuseio das palavras:

SONETO

*Amar-te não por gozo da vaidade,
Não movido de orgulho ou de ambição,
Não à procura da felicidade,
Não por divertimento à solidão.*

*Amar-te não por tua mocidade
- Risos, cores e luzes de verão -
E menos por fugir à ociosidade,
Como exercício para o coração.*

*Amar-te por amar-te: sem agora:
Sem ontem, sem futuro, sem mesquinha
Esperança de amor sem causa ou rumo*

*Trazer-te incorporada vida fora,
Carne de minha carne, filha minha,
Viver do fogo em que ardo e me consumo.*

Palavras do nosso tempo

A 5ª edição do dicionário Aurélio, comemorativa do centenário do autor, está repleta de novidades. Além da ampliação das abonações, a obra incorpora um vocabulário recente - mas não menos utilizado - da língua portuguesa de nossos dias. Diante da ascensão da tecnologia e das mídias eletrônicas, muitas palavras migraram da tela do computador para as conversas do dia-a-dia. Confira abaixo alguns dos verbetes incorporados ao dicionário:

**fotolog - e-book - blue tooth - tuitar
- blogar - pop-up - blu-ray disc - ecobag**

Além dos verbetes nascidos na web, foram incorporadas também palavras e expressões bem brasileiras como:

**chocolatra - mochileiro - chororô -
ricardão - Enem - saidinha de banco**



www.aureliopositivo.com.br

A nova edição também está presente na rede. Além da versão digital da obra em CD-ROM, a editora disponibiliza através de site, blog e twitter, novidades sobre o dicionário, dicas gramaticais e literárias, verbetes curiosos, enquetes para aguçar o interesse dos leitores e a história do autor, além de alguns de seus contos e poemas. Para conferir: www.aureliopositivo.com.br

Memória viva em Alagoas

Em vista das comemorações do centenário de nascimento do mestre, 2010 foi declarado o “Ano Aurélio” em Alagoas. Em 5 de maio deste ano, data exata do centenário, foi inaugurado o Espaço Aurélio Buarque de Holanda, que expõe permanentemente a trajetória do ilustre alagoano através de fotos, textos, objetos e vídeos, além do busto em bronze, no Museu Palácio Floriano Peixoto (MUPA).

A casa em que Aurélio nasceu, em Passo de Camaragibe foi tombada pelo Estado, que também promoveu no Desfile Cívico do dia de Emancipação de Alagoas a temática “Aurélio, o caçador de palavras” para concurso de redação na Rede Estadual de Ensino.

Com base na obra literária do escritor, a Fundação Pierre Chalita está promovendo o Concurso Aurélio de Artes Plásticas. O famoso conto



Fotos: SECUT/AL

Linha do tempo, no Espaço Aurélio



Busto de Aurélio, MUPA

“O chapéu de meu pai” deverá servir de inspiração aos artistas.

Mais informações: www.centenarioaurelio.com.br

Com informações de Fernando Antônio Netto Lôbo, diretor do MUPA - Secretária de Estado da Cultura - SECULT/AL

Muitos se perguntam por que o dicionarista ofuscou o literato. Na mesma entrevista à Revista do Globo, em 1949, o próprio mestre explicou: “a ficção, pelo menos no meu caso, exige um certo ócio. É preciso observar, captar, trabalhar, em seguida, a narrativa. Ora, esse ócio ultimamente tem-me faltado de todo. Magistério, o dicionário, traduções, revisão de originais e de provas, artigos, absorvem-me todas as horas disponíveis”.

Além de filólogo, dicionarista e professor, Aurélio também era revisor, crítico e tradutor. Textos de grandes nomes da literatura nacional como José Lins do Rêgo e Raquel de Queiroz passaram pelo crivo rigoroso do mestre. Em entrevista a O Prelo, Dona Marina confirmou o dia-a-dia atarefado do dicionarista: “ele estava sempre com o trabalho dos amigos, guardava tudo pra ler. Era muito cordial com todos, não dizia não para ninguém”. Sua veia analítica e crítica também se manifestou em ensaios de crítica literária. Evanildo Bechara explica que

no primeiro, “Língua, linguagem e estilo em Machado de Assis”, Aurélio “ainda está mais ligado ao certo e ao errado”. No segundo ensaio, “Língua, linguagem e estilo em Eça de Queiroz”, ele “se distancia da gramática para alcançar a questão da estilística, da inovação”. Em “Língua, linguagem e estilo em Simões Lopes Neto”, “volta-se para especificidade de um autor regional gaúcho, se consagrando definitivamente”. Na tradução, o estudioso se dedicou especialmente às obras espanholas e francesas. Junto com Paulo Rónai – também crítico, tradutor, revisor e professor – coletou e traduziu diversas obras internacionais e as reuniu na coletânea *Mar de Histórias*, em 1945. Mais tarde, Aurélio traduziu poemas do francês Charles Baudelaire, um dos maiores nomes da literatura do século XIX.

Vítima de insuficiência respiratória, Aurélio faleceu em 28 de fevereiro de 1989, deixando um dos maiores legados lexicográficos da língua portuguesa para os brasileiros. □



Praça São Francisco

Praça sergipana é o mais novo bem tombado pela UNESCO

Após exatos 30 anos da primeira conquista brasileira, o monumento sergipano teve um diferencial de todos os outros: ativismo online

CHRISTINA VIDOTO

Uma pequena praça localizada na desconhecida São Cristóvão, localizada cerca de 30 quilômetros da capital Aracaju, em Sergipe, ganhou repercussão na última sessão do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, realizada em agosto, em Brasília. O conjunto de monumentos da praça forma um verdadeiro sítio cultural, única expressão do traçado urbanístico espanhol no país. Andar pelas ruas de São Cristóvão é uma aula de história na prática.

São Francisco é considerada a primeira capital de Sergipe e a quarta cidade mais antiga do país. O conjunto arquitetônico presente na praça foi construído na segunda metade do século XVII basicamente por religiosos. A maioria dos monumentos tem traços de um Barroco típico em cidades nordestinas.

O Brasil tem ao total 18 bens na lista de Patrimônios Mundiais, sendo a Praça o mais novo patrimônio. A cidade histórica de Ouro Preto, em

Minas Gerais, foi o primeiro a ser tombado pela UNESCO em 1980. Além de serem tombados pela UNESCO, os exemplares da Praça também são considerados acervos patrimoniais pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e pelo governo estadual.

O QUE É A PRAÇA?

Prédios de ordens religiosas, como o Museu de Arte Sacra e o Convento de São Francisco e a própria Igreja São Francisco compõem a mais nova conquista brasileira na lista de patrimônios. A construção da Igreja e do Convento São Francisco teve início no em 1693, com a ajuda de doações da população local e por frades franciscanos.

Enquanto São Cristóvão era capital da província, a Igreja sediou a Assembléia Provincial de Sergipe Del Rey, como era chamado o Estado de Sergipe. De decoração neoclássica, outro monumento da Praça é o Palácio do Período Colonial, onde

hoje funciona o Museu Histórico de Sergipe. Com acervo ligado ao período Imperial do Brasil, o Museu Histórico de Sergipe tem grande valor na historiografia nacional.

Há peculiaridades em todos os monumentos da valiosa Praça. No interior do Museu de Arte Sacra, um dos três mais importantes do país em gênero e número de objetos desse movimento, encontra-se uma belíssima capela do século XVIII. Na Santa Casa da Misericórdia, atualmente funciona o Orfanato Imaculada Conceição.

Outras Igrejas compõem o acervo religioso da Praça São Francisco. As Igrejas da Ordem do Carmo e Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foram construídas no século XVII pelos jesuítas, sendo esta um centro festivo da tradição africana. Já a Matriz Nossa Senhora da Vitória e a Nossa Senhora do Amparo são do século seguinte. Edificada por holandeses, a Igreja Nossa Senhora do Amparo permaneceu durante mais de um século desativada.



Quatro séculos de história emergem das linhas arquitetônicas da praça

O principal argumento apresentado ao Comitê do Patrimônio Mundial foi o fato da praça ter marcas singulares do planejamento urbano hispânico, único em território brasileiro. Tal peculiaridade remonta ao período histórico da União Ibérica (1580-1640) no Brasil.

Ainda é cedo para fazer uma análise estatística da movimentação sócio-econômico-cultural desde a conquista. O que já se pode observar é o crescimento do número de visitantes, conseqüentemente, o aquecimento do comércio local. “Doceiras da cidade têm contado que vendem até 400 doces em um dia, quando antes vendiam 100”, afirma a assessora de Comunicação da Empresa Sergipana de Turismo, Cris Abreu.

Secretarias do Estado junto com a Comissão Pró-candidatura da Praça São Francisco uniram forças para elaborar uma campanha ímpar na história do país. A candidatura do 18º patrimônio foi a primeira a ter atuação efetiva na Internet. A precursora Praça São Francisco conquistou um espaço que antes não era destinado a sítios culturais, ressalta o coordenador da Comissão Thiago Fragata. O sucesso da sua campanha se deve, principalmente, à participação online.

Ignorar o poder de alcance proporcionado pela web é fechar os olhos para a realidade. De olho na revolução tecnológica, divulgações online foram realizadas em diversos canais, tais como o Portal da Praça São Francisco (www.pracasaofrancisco.se.gov.br), importante instrumento de informação das ações do governo em prol da conquista do título de Patrimônio Mundial.

As novas mídias impulsionaram a campanha de conscientização da importância dos monumentos, tornando-a visível não somente para os são-cristóvenses, mas para todo o território nacional.

CONQUISTA LEVANTA A MORAL DOS MORADORES

A auto-estima dos cerca de 75 mil habitantes está em alta. É um orgulho morar no mais novo Patrimônio da Humanidade e ter à disposição uma experiência única de volta ao passado. A Praça São Francisco hoje é um local de manifestações populares, solenidades, festas, comércio, e acima de tudo, um museu vivo a céu aberto. □

Patrimônio Mundial

Além da Praça São Francisco em Sergipe, o Brasil tem mais outros 17 patrimônios mundiais. São eles:

Patrimônio Mundial Natural

- 1 - Parque Nacional do Iguaçu (PR)
- 2 - Costa do Descobrimento (BA e ES)
- 3 - Reservas da Mata Atlântica (SP e PR)
- 4 - Complexo de áreas protegidas do Pantanal Matogrossense (MT e MS)
- 5 - Áreas protegidas do Cerrado: Chapada dos Veadeiros e Parque Nacional das Emas (GO)
- 6 - Ilhas Atlânticas Brasileiras – Reservas de Fernando de Noronha e Atol das Rocas (PE/RN)
- 7 - Complexo de Áreas Protegidas da Amazônia Central

Patrimônio Mundial Cultural

- 1 - Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto (MG)
- 2 - Centro Histórico de Olinda (PE)
- 3 - As Missões Jesuíticas Guarani, ruínas de São Miguel das Missões (RS)
- 4 - Santuário do Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas do Campo (MG)
- 5 - Centro Histórico de Salvador (BA)
- 6 - Plano Piloto de Brasília (DF)
- 7 - Parque Nacional da Serra da Capivara (PI)
- 8 - Centro Histórico de São Luís (MA)
- 9 - Centro Histórico de Diamantina (MG)
- 10 - Centro Histórico da Cidade de Goiás (GO)

Roquete Pinto combina informação e muita música

Uma Rádio do Governo a serviço do Estado é o lema que norteia a programação

PROCÓPIO MINEIRO

Fotos: Procópio Mineiro



A presidente Eliana Caruso renovou a programação da emissora

Eliana Caruso dirige a Rádio Roquete Pinto (94,1 FM) há dois anos, quando iniciou uma pequena revolução, cujos resultados aparecem em crescentes índices de audiência. É a sua primeira experiência em radiofonia, a qual está enriquecendo com sua longa trajetória na área cultural, como a direção da Casa de Cultura Laura Alvim e 30 anos de atividades na Secretaria Estadual de Cultura.

Com o apoio de uma equipe entusiasmada, onde jovens profissionais se beneficiam da experiência dos mais antigos, a presidente da emissora vem inovando, sem esquecer o compromisso de uma rádio pública com a tradição cultural. “De nossa filosofia de trabalho, consta a preocupação com o público. Queremos oferecer uma programação que se destaque pela qualidade tanto informativa, quanto musical. A boa resposta de público demonstra que estamos no caminho certo e isto nos conforta, pois significa que esta

rádio pública cumpre seu papel”, diz a presidente da emissora estadual.

Assim, quem precisa de boa infor-

mação, tem as manhãs jornalísticas e os noticiários de hora em hora à tarde e à noite. Quem gosta de boa música, é sintonizar e deixar, pois as tardes e noites oferecem opções de qualidade.

SERVIÇO AO PÚBLICO

Dirigir emissoras públicas no Brasil não é tarefa simples. Até hoje não se cristalizou uma filosofia universalmente aceita sobre a natureza da comunicação desse segmento rádio-televisivo. O predomínio privado do setor da comunicação, que disputa verbas comerciais e também as governamentais, estimula uma percepção – e uma velada acusação – de que a comunicação pública tende sempre para propaganda oficial a serviço do governante do momento.



O samba carioca é gênero sempre presente



Dicró conta histórias em forma de música



Blá,blá,blá do Amor: Agapito, Camila e Lucianna



Equipe apura e prepara texto

A questão se mistura à eterna discussão sobre a chamada democratização dos meios de comunicação – ou o direito da sociedade ao acesso a variadas fontes e visões informativas, inclusive a governamental –, de modo a que os diferentes atores e interesses sociais se façam ouvir e colaborem para a mais abrangente formação da opinião pública.

No âmbito federal, vimos surgir recentemente a Empresa Brasil de Comunicação, que congrega rádios, como a Rádio MEC AM e FM, e tevês federais, que buscam não apenas definir uma linha de programação com capacidade de atrair audiência por meio de um conteúdo de alta qualidade informativa e cultural, como procura estabelecer um sistema de gestão que lhes assegure sustentabilidade financeira, sob a forma de empresa pública, e, ao mesmo tempo, as blinde contra interferências descabidas ou radicais redefinições de rumo a cada mudança de governo.

“No caso do Rio de Janeiro – informa Eliana Caruso –, a Roquete Pinto ainda não tem seu modelo de gestão implantado totalmente no formato de empresa pública, como esperamos conseguir em breve. Mas já existe aprovação governamental para isso. Estamos trabalhando nos detalhes. O fundamental, porém, é que o governo estadual nos permite plena liberdade de gestão, para que possamos atuar numa linha de absoluto interesse público, sem qualquer partidarismo. Ao mesmo tempo, concede todo apoio financeiro e material, o que nos permite contar com uma emissora tecnicamente atualizada. Estamos, inclusive, instalando em breve um novo transmissor.”

“O que fixamos como parâmetro jornalístico é informar com qualidade em todos os aspectos. Queremos primar pela clareza e honestidade, demonstrando nossa preocupação pelo público. No conceito de qualidade informativa, incluímos evitar ao máximo dar opiniões ou manipular os fatos”, explica a presidente da emissora. O serviço jornalístico inclui também uma nutrida pauta de prestação de serviços.

“Na programação musical adotamos uma linha eclética, enfocando a música popular brasileira em todos os gêneros e em todas as épocas. Este formato representa nosso esforço de promover, diariamente, uma viagem cultural pelo riquíssimo mundo melódico brasileiro”, diz Eliana Caruso. Assim, o público ouvinte tem oportunidade de ouvir músicas de todas as épocas, do mais atual ao mais representativo do passado, o que contribui para divulgar cantores e cantoras, compositores e gêneros musicais. A pauta de serviços da área musical completa o serviço, pois mantém o ouvinte ligado para a programação de shows em curso na cidade.



Chico Anísio contou sua trajetória aos ouvintes, em conversa com Jaguar e Paulo Caruso



MV Bill dá seu recado no começo da tarde na Voz das Periferias

Grade de Programação - Rádio Roquette-Pinto 94,1 FM

Segunda à Sexta

Horário	Programa / Apresentador
00:00h às 00:15h	Repórter Roquette-Pinto (Gravação)
00:15h às 02:00h	Nossa Raiz / Zeno Bandeira
02:00h às 03:00h	Choros, Chorinhos e Chorões / Clarice Azevedo (Gravação)
03:00h às 04:00h	Programação Musical / Josias Bernardes (Gravação)
04:00h às 06:00h	Nordeste Musical / Braga Jr.
06:00h às 06:15h	Repórter Roquette-Pinto (Reapresentação) *
06:15h às 07:00h	Informe Roquette-Pinto / Rodrigo Machado (Gravação)
07:00h às 09:30h	Painel da Manhã / Ana Linhares & Jorge Ramos
09:30h às 12:00h	Primeira Página / Luiz André Ferreira & Jorge Ramos
12:00h às 13:00h	94 Em Movimento - 1ª Edição / Ana Linhares
13:00h às 14:00h	MV Bill - A Voz das Periferias / MV Bill & Dj Roger Flex
14:00h às 15:00h	Programação Musical / Lu Machado
15:00h às 16:00h	Vários (01)
16:00h às 17:00h	Programação Musical / Lu Machado
17:00h às 18:00h	Conexões Urbanas / Patrícia Ferrer e Julia Tolipan
18:00h às 19:00h	94 Em Movimento - 2ª Edição / Lúcia Araújo
19:00h às 20:00h	A Voz do Brasil
20:00h às 21:00h	Vários (02)
21:00h às 22:00h	Vários (Gravação) (03)
22:00h às 24:00h	Programação Musical (Computador) (04)

* Exceto Segunda-feira.



Lucia Araújo e Alpa Luís discutem programação



Humberto Effe, vice-presidente e braço direito da direção



O estúdio moderno ajuda a agilidade da programação



O maestro Silvio Barbato conversa com Egberto Gismonti

A preocupação com a promoção e cobertura cultural estende-se também a outras artes, como o teatro e a dança, enfocados em programas especiais que levam ao público as informações mais atuais desses segmentos, ampliando o conhecimento do ouvinte.

PROGRAMA DE AUDITÓRIO

Como a maioria das emissoras que vêm dos tempos pioneiros da radiofonia brasileira, a Roquete Pinto possui um auditório. A diferença é que este ainda funciona para programas ao vivo. A cada edição quinzenal, um grande nome da arte brasileira comparece ao auditório da emissora (Av. Erasmo Braga, 118 – 11º andar) e o público presente pode participar de um espetáculo sempre rico em informação e emoções.

“Esta série foi inaugurada por uma bela conversa da atriz Fernanda Montenegro com o público, narrando sua trajetória e discutindo aspectos da cenografia nacional – conta Eliana Caruso. Também outro monstro sagrado dos palcos brasileiros, Sérgio Brito, participou dessa programação de auditório, que se chama “Agora no Ar”. O programa é gravado e reprisado às quintas-feiras, às 15h.”

Nestes últimos dois anos, dezenas de grandes artistas, de hoje e de ontem, passaram pelo calor emocional do auditório da Roquete Pinto: Ângela Rô-Rô, Martinho da Vila, Luiz Carlos Miêlle, Lana Bittencourt, entre tantos, tornando o “Agora no Ar” uma vitrine de visibilidade e promoção cultural.

Já passaram pelo espaço Elza Soares, Geraldo Azevedo, Paulo Betti, Frejat, Moacir Luz, Flávio Venturini, Dicró, Monarco e Família Diniz, Paulinho Mocidade, Arranco de Varsóvia, Kleiton e Kledir, Marcos Sacramento, Vítor Ramil, Farofa Carioca, As Chicas, Olívia Byington Nelson Sargento, João Bosco e Antônio Cícero, e Chico Anísio.

Eliana Caruso aposta na linha de programação da Roquete Pinto-94,1 FM, que vem rendendo bons resultados nos índices de audiência.

“Achamos um caminho que considero enobrecer o trabalho desta emissora pública. A resposta da audiência indica crescente aprovação. Quem sintoniza a Rádio Roquete Pinto, sempre vai ouvir algo interessante e acaba ficando”, convida a presidente da Rádio Roquete Pinto.

Experimente, caro leitor: é a FM 94,1. □

Do acervo à pesquisa

Fotos: Renata Vieira



Setor de Periódicos BN

Através do “Projeto Periódicos e Literatura: publicações efêmeras, memória permanente”, a Biblioteca Nacional adentra a pesquisa acadêmica e investiga a relação entre jornais e revistas e o campo literário no Brasil

RENATA VIEIRA

Com um acervo de cerca de 9 milhões de itens, a Biblioteca Nacional está entre as dez maiores bibliotecas do mundo. Mas não é só seu imenso acervo que a torna uma das instituições culturais mais respeitadas do país: bibliotecários, professores e pesquisadores trabalham todos os dias a fim de produzir conhecimento nas diversas áreas da pesquisa acadêmica. Dentre as atividades realizadas, se destaca o *Projeto Periódicos e Literatura*, uma parceria entre a BN e a UFRJ que desde 2006 vem articulando o acervo de periódicos da Biblioteca Nacional ao campo literário no Brasil, tornando acessíveis publicações de vida curta e biografias de autores desconhecidos, mas de grande relevância para a historiografia literária brasileira.

A relação entre periódicos e o desenvolvimento da literatura

no Brasil é bastante conhecida, sobretudo a que se estabeleceu ao longo dos séculos XIX e XX. Grandes ícones como Machado de Assis, José de Alencar e Lima Barreto escreveram suas primeiras linhas em jornais, revistas e almanaques de grande e menor destaque. Mas diante de um acervo tão diverso e tão rico – são cerca de 60 mil títulos de periódicos –, bibliotecários e pesquisadores propuseram uma pesquisa mais ampla e detalhada, que conjugasse aspectos tecnológicos e discussões teóricas, dada a importância da digitalização do catálogo da BN e a necessidade de reflexão constante sobre o acervo.

Em termos cronológicos, as pesquisas abarcam periódicos publicados no período entre 1870 e 1945. Já a seleção, que se deu através de consulta ao catálogo digital da BN, privilegiou publicações que

contivessem verbetes referentes à literatura. Foram então escolhidos 1200 títulos, dentre eles, alguns de publicação única e muitos que apenas alcançaram a marca dos 5 volumes. Justamente em razão da pouca expressividade quantitativa, muitos desses periódicos e autores permaneceram no anonimato ao longo do último século. E é diante dessa defasagem que o projeto atua, disponibilizando digitalmente em sua página na internet informações biográficas e parte da obra desses jornalistas e escritores. Classificando os títulos em coleções de acordo com o conteúdo e aspecto físico, o projeto oferece subsídios para que os pesquisadores aprofundem seus estudos, pois facilita o acesso às obras através de descrições, contextualizações históricas e parte dos periódicos digitalizados.

Vitor Silva

A retomada da obra de Vitor Silva foi um dos importantes resultados do Projeto Periódicos e Literatura. Carioca nascido em 1865, foi funcionário do Ministério de Relações Exteriores e promotor público no Rio Grande do Sul, para onde se mudou em 1897. Também lá foi Diretor da Biblioteca Pública do Estado entre 1906 e 1922. Seus escritos foram publicados apenas em periódicos, o que torna uma publicação de natureza efêmera a fonte dos originais desse autor. Só em 1924, após sua morte, seus poemas foram publicados no livro "Vitórias". Confira o soneto "Em Bronze", publicado em 1904 na Revista Renascença, do Rio de Janeiro:

Em bronze

*Tu, sim! verás intacta os seculos passando
Pois do egregio metal que o tempo vão não doma
Vasei na estrophe audaz teu vulto venerando
E esse austero perfil das patricias de Roma.*

*Ora de bronzea téz teu nobre vulto assoma
Rude, á feição de uma aguia, os olhos lampejando,
Ecurvado o nariz, revolta a ruiva coma
Suspensa em cada orelha um argolão brilhando.*

*Resurgindo o ideal de um seculo de assombros,
Não de candida graça ou de arroubado enlevo,
Dei-te o entono real de uma deusa inimiga:*

*Na frente o casco alado, a chlamyde nos hombros,
Surges da estrophe eril em rutilo relêvo
Como a effigie marcial de uma medalha antiga.*

Mas não é só em termos de armazenamento, catalogação e conservação que o projeto trabalha. Os critérios de busca e análise dos títulos suscitam questionamentos teóricos importantes, sobretudo no que se refere às definições atribuídas aos jornais, à literatura e demais tipos de periódico. A carta, a notícia, a crônica, o folhetim, o poema, a novela, o texto teatral. São muitos os conceitos que distinguem as produções textuais, entretanto, ao longo do século XIX e até meados do século XX as fronteiras entre imprensa e literatura sempre foram muito tênues. Refletir de que modo os profissionais da BN lidam com essas distinções é essencial para entender e diferenciar os elementos do acervo.

Pesquisa multidisciplinar e acesso ampliado

O projeto promove a interseção das áreas de Biblioteconomia, Letras e História, uma vez que se baseia na análise histórica e literária e nas formas de classificação, armazenamento e conservação dos periódicos. A proposta surgida no setor de periódicos, entre as bibliotecárias Maria Ione e Maria do Sameiro, cresceu de tal forma que despertou o interesse de outros setores da BN, alcançando também pesquisadores externos, como é o caso do grupo de pesquisa Arte, Realidade e Sociedade, da UFRJ. O projeto também oferece espaço para estudantes de graduação que, como estagiários, auxiliam o trabalho de catalogação e participam ativamente da pesquisa teórica. Karina Martins, estudante de Biblioteconomia e estagiária da BN, conta que "toda essa experiência é uma aprendizagem não só na prática, que é o principal exigido do estagiário, mas também teórica, pois intercalando o estudo com as atividades, recolho informações que serão importantes para fazer minha monografia e para o conhecimento dentro da minha futura profissão."



Os pesquisadores Maria Ione, Maria do Sameiro e Irineu Correa

Em 2007, um ano após o início das pesquisas, o Projeto montou uma exposição aberta ao público, mostrando fotos e um pouco da história de cada periódico. Também este ano foi realizada uma nova exposição, incorporando os novos resultados. O doutor em Letras Irineu Corrêa, um dos responsáveis pelo Projeto, explica que "preservar não é só guardar, mas também analisar, fazer circular o conhecimento, e assim, fazer o acervo renascer". Nesse sentido, toda a proposta e os resultados parciais das pesquisas são disponibilizados na internet, através do site da Biblioteca

Nacional: <http://bndigital.bn.br/projetos/periodicosliterarios>. Irineu explica ainda que "tornar o acesso e a pesquisa mais fáceis através da versão digitalizada resolve o problema da conservação material."

O desenvolvimento da pesquisa e seus resultados também constam no livro *Cenas da Literatura Moderna*, lançado no mês de setembro no II Fórum Internacional de Análise do Discurso, na UFRJ. Organizado por Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina e Celina Maria Moreira de Mello e editado pela 7Letras, o livro traz os capítulos "Periódicos literários: publicações efêmeras, memória permanente" e "O acervo de periódicos literários da Fundação Biblioteca Nacional", além de um Manual de instruções para preenchimento do formulário de coleta de dados. Irineu Correa ressalta que "o projeto contribui para que a Biblioteca se torne um centro de pesquisa efetivamente, não só um acervo estático". Ainda este ano, o projeto concorrerá a um financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). □



1910-2010 — OS 100

LUIZ AUGUSTO ERTHAL

QUANDO BARAK OBAMA lançou o slogan *Yes, I Can* na última campanha presidencial dos Estados Unidos, ele, na verdade, não estava criando nada novo. O sentimento de poder realizar uma tarefa, por mais difícil e pesado que fosse o desafio, já havia sido apropriado pelas mulheres americanas durante a II Guerra Mundial, quando tiveram que assumir a função dos homens nas fábricas e escritórios, repentinamente esvaziados pelo alistamento militar. O cartaz ilustrado pela personagem Rose The Riverter



EM 1910 foi instituído, a partir da proposta da alemã Clara Zetkin, aprovada na Conferência Internacional de Mulheres Socialistas de Copenhague, na Dinamarca, o Dia Internacional da Mulher. Era a senha para que as mulheres do mundo inteiro iniciassem, depois de séculos de submissão, um longo e ainda inconcluso processo de conquistas, que está completando agora 100 anos.

Embora a burka, obrigatória e ostensivamente presente em vários países do Oriente Médio, e as alarmantes estatísticas das delegacias de mulheres no Brasil sejam provas evidentes de uma condição ainda degradante enfrentada pelo sexo feminino em diferentes partes do mundo, nunca as mulheres ousaram tanto como nesse período. Submetidas a uma inferioridade secular, elas passaram a penetrar em compartimentos sociais hermeticamente masculinos, cujo acesso sempre lhes fora negado.



Clara Zetkin (1857-1933), a feminista comunista alemã, que criou o Dia Internacional da Mulher, em 1910. Selo da antiga República Democrática da Alemanha.

100 ANOS DA MULHER



– hoje um clássico do marketing de guerra – encimada pela expressão *We Can Do It!* (Nós podemos fazer isso!) reflete com precisão a ousadia e determinação com que elas marcaram a sociedade ocidental contemporânea. Cem anos após a criação do Dia Internacional da Mulher, foram muitos os cartazes que, em diferentes países e idiomas, simbolizaram a luta e a impressionante escalada feminina nesse período, certamente o mais equilibrado da História no tocante à disputa dos sexos por sua auto-afirmação social.



A galopante escalada feminina na política, nas artes, no mercado de trabalho e até mesmo nos campos de batalha transformou esses últimos 100 anos no século da mulher. Elas ganharam espaços jamais imaginados antes, como se pode atestar, aqui em nosso universo político, pelo inusitado quadro da última eleição presidencial, em que dois dos três principais candidatos a presidente da República eram mulheres. A velha sociedade patriarcal brasileira teria se rendido, enfim, ao *sexo frágil*?

Mas esse não é um retrato apenas do Brasil. A participação das mulheres na política perdeu a condição de tabu ao longo do século XX em vários países. No Reino Unido, a ideia do poder feminino,





Do palanque, Clara Zetkin domina a multidão com sua pregação socialista que exige plena igualdade civil para as mulheres

representada na história contemporânea pela figura da “Rainha da Inglaterra” como uma imagem comparada popularmente à “vaquinha de presépio”, de caráter meramente decorativo, foi fortemente abalada durante o longo período de domínio da primeira-ministra Margaret Thatcher, a temida *Dama de Ferro* que comandou guerras e ajudou a consolidar o chamado neoliberalismo nas últimas décadas do século passado.

A Alemanha também encontrou em uma mulher, a chanceler Angela Merkel, a sua maior expressão política depois da queda do Muro de Berlim e da reunificação. Nos Estados Unidos, a última eleição dividiu a opinião dos democratas entre duas perspectivas históricas: a possibilidade de eleger o primeiro negro (Barack Obama) ou a primeira mulher (Hillary Clinton)

presidente da maior potência mundial. Obama ganhou a convenção do Partido Democrata e, em seguida, as eleições presidenciais, mas Hillary acabou sendo guindada ao mais importante posto do governo, com a indicação para Secretária de Estado.

Os exemplos de Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos não significam, contudo, que a ascensão política feminina se deu apenas nos países ricos ou do Hemisfério Norte. Eva Perón, na Argentina; Golda Meir, em Israel; e Indira Gandhi, na Índia, são outras boas ilustrações. Elas tampouco prosperaram somente na chamada democracia burguesa. Figuras como Rosa de Luxemburgo e Olga Benário Prestes inflamaram a causa comunista em diferentes épocas.

Mas o caminho do lar, aonde se encontravam historicamente limitadas, até os salões mais poderosos da

geopolítica mundial não tinha nada de delicado ou feminino, no sentido mais romântico do termo.

Do final do século XIX até 1908, uma série de greves e repressões a trabalhadoras marcaram a construção do movimento feminista nos Estados Unidos. O primeiro “Woman’s day” foi comemorado em Chicago, em 1908, e contou com a participação de 1500 mulheres. O movimento foi dedicado à causa das operárias, denunciando a exploração e a opressão das mulheres e defendendo a igualdade entre os sexos, a autonomia das mulheres e o direito ao voto.

De novembro de 1909 a fevereiro de 1910, uma longa greve dos operários têxteis de Nova York, liderada por mulheres, terminou pouco antes do “Woman’s Day”, realizado no



Carnegie Hall, onde três mil se reuniram em favor do sufrágio, conquistado em 1920 em todo os estados americanos. Nesse mesmo ano, a socialista alemã Clara Zetkin propôs a criação do Dia Internacional da Mulher, que passou a ser celebrado em diferentes datas em cada país.

Em 1914, o dia foi comemorado pela primeira vez a 8 de março na Alemanha. Na mesma data, em 1917, uma ação das operárias russas precipitou o início da Revolução Soviética. Em 1921, a partir da proposta de uma feminista búlgara na Conferência Internacional das Mulheres Comunistas, o 8 de março foi instituído como data oficial e, desde 1922, a celebração internacional é realizada nesse dia.



No começo do século XX, a feminista sufragista prega o acesso da mulher à vida política. No fim do século, Margaret Thatcher é a Dama de Ferro e primeira-ministra inglesa

Tragédia expôs as condições de trabalho ultrajantes em 1911

O incêndio de uma confecção de roupas no dia 25 de março de 1911, em Nova York, acendeu a chama da indignação mundial contra as condições de trabalho ultrajantes a que eram submetidas as mulheres na emergente sociedade industrial americana. O desastre causou a morte de 146 trabalhadores – quase todos mulheres – que foram queimados vivos ou se atiraram do nono e do décimo andares do edifício Asch, inalcançáveis àquela época pelas escadas dos bombeiros.

As vítimas não tiveram chance alguma de escapar do incêndio porque as portas que davam acesso às escadas e saídas de emergência haviam sido fechadas pelos gerentes da fábrica para evitar que os empregados interrompessem o trabalho para fumar na área externa da confecção.

O episódio permaneceu como o maior desastre de Nova York até o atentado às torres gêmeas no dia 11 de setembro de 2001 e motivou o acirramento da luta por melhores condições de trabalho, sobretudo para as mulheres. Foi um fator importante para o crescimento do movimento feminista em todo o mundo, tendo ocorrido apenas um ano após o estabelecimento do Dia Internacional da Mulher.





ELAS ABRIRAM CAMINHO NAS CIÊNCIAS E NAS ARTES

O Prêmio Nobel foi criado em 1901 e já em 1903 laureava a primeira mulher, a física Marie Curie, pelas pesquisas em torno dos elementos rádio e polônio, este batizado em homenagem à terra de nascimento dela, a Polônia. De 1903 a 2010, foram 41 prêmios femininos em Economia, Física, Química, Medicina, Literatura e Paz, sendo 27 deles atribuídos nos últimos 50 anos.

São dez Prêmios Nobel femininos nesta primeira década do século XXI. No ano passado, a norte-americana Elinor Ostrom tornou-se a pioneira feminina no Nobel de Economia. As láureas femininas mais freqüentes foram em Literatura (12), Paz (12) e Medicina (10). Abaixo, a lista completa das mulheres reconhecidas mundialmente com o Prêmio Nobel.

ECONOMIA:

2009 Elinor Ostrom

FÍSICA:

1903 Marie Sklodowska Curie

1963 Maria Goeppert Mayer

LITERATURA:

1909 Selma Ottilia Lovisa Lagerlof

1926 Grazia Deledda

1928 Sigrid Undset

1938 Pearl Buck

1945 Gabriela Mistral

1966 Nelly Sachs

1991 Nadine Gordimer

1993 Toni Morrison

1996 Wislawa Szymborska

2004 Elfriede Jelinek

2007 Doris Lessing

2009 Herta Müller

MEDICINA:

1947 Gerty Radnitz Cori

1977 Rosalyn Sussman Yalow

1983 Barbara McClintock

1986 Rita Levi-Montalcini

1988 Gertrude Elion

1995 Christiane Nusslein-Volhard

2004 Linda B. Buck

2008 Françoise Barré-Sinoussi

2009 Elizabeth H. Blackburn

2009 Carol W. Greider

PAZ:

1905 Baroness Bertha von Suttner

1931 Jane Addams

1946 Emily Greene Balch

1976 Betty Williams

1976 Mairead Corrigan

1979 Madre Teresa de Calcutá

1982 Alva Myrdal

1991 Aung San Suu Kyi

1992 Rigoberta Menchu Tum

1997 Jody Williams

2003 Shirin Ebadi

2004 Wangari Maathai

QUÍMICA:

1911 Marie Sklodowska Curie

1935 Irene Joliot-Curie

1964 Dorothy Crowfoot Hodgkin

2009 Ada E. Yonath



A pioneira no Nobel, em 1903, Marie Curie (acima) destacou-se em Física, enquanto Elinor Ostrom (ao lado) foi a primeira mulher a receber o Nobel de Economia em 2009



POR AÍ, FEMINISMO COM HUMOR

Do inicial engajamento feminino nas lutas sociais, em busca de melhores condições de vida, até o presente reconhecimento da plena igualdade civil entre os sexos, mulheres e homens filosofam sobre suas condições e as relações necessárias que a vida exige e ambos os sexos desejam.

Abaixo, algumas frases, que, se fazem rir, levam também a pensar.

AS MULHERES SÃO O ÚNICO COLETIVO OPRIMIDO DA NOSSA SOCIEDADE QUE CONVIVE EM ASSOCIAÇÃO ÍNTIMA COM SEUS PRÓPRIOS OPRESSORES.

(Evelyn Cunningham, jornalista e ativista dos direitos humanos nos EUA, 1916-2010)

NINGUÉM NUNCA GANHARÁ A GUERRA DOS SEXOS, PORQUE EXISTE MUITA CONFRATERNIZAÇÃO COM O INIMIGO.

(Henry Kissinger, ex-secretário de Estado dos EUA)



Dois exemplos de luta

Simone de Beauvoir lançou o livro *O Segundo Sexo* em 1949. Ao tratar da sexualidade feminina abertamente, feriu tabus intocados. Sua trajetória também perpassou a luta política antifascista e anticolonialista na França do pós-2ª Guerra.

Intelectual fortemente ligada à filosofia e à política, Simone de Beauvoir nasceu em meio ao ambiente que se tornaria, mais tarde, objeto de sua crítica. De família aristocrática – mesmo em vias de decadência – cresceu envolta de padrões morais cristãos e patriarcais. Em 1926, depois de bacharelar-se em Matemática e em Letras, Beauvoir ingressou na faculdade de Filosofia da Sorbonne, onde conheceu aquele que seria seu companheiro de muitos anos, Jean-Paul Sartre. Apaixonados, os dois compactuaram viver uma relação livre, sem as amarras do casamento. Adeptos do Existencialismo – filosofia baseada na responsabilidade individual pelos atos – os dois tornaram-se professores na Sorbonne e mais tarde, em 1945, fundaram o periódico *Les temps modernes*, com posições radicais de esquerda cultivadas no grupo *Socialisme et Liberté* (Socialismo e Liberdade), integrado por intelectuais e escritores da época.

Em meio às lutas pela libertação da Argélia e da Tunísia, Sartre incitou Simone a escrever sobre a condição feminina. Seu livro *O Segundo Sexo*, publicado em 1946, entrou para o índice do Vaticano – mas alcançou imenso sucesso editorial – por defender ferrenhamente os direitos das mulheres e refletir sobre os opressores papéis femininos na sociedade, sobretudo no que se refere ao casamento. Na década de 70, assinou manifestos em prol da contracepção e da legalização do aborto, o que teve efeitos significativos cinco anos depois, quando a França legalizou a interrupção voluntária da gravidez. (Renata Vieira)



Beauvoir: a pensadora

Rigoberta Menchú é uma ativista dos direitos humanos de grande expressão na Guatemala. Nascida em uma numerosa família de origem indígena, do grupo Quiché-Maia, desde pequena acompanha de perto o sofrimento do país. Sua infância e juventude foram marcadas pela pobreza, discriminação racial e uma violenta repressão pela classe dominante guatemaltecas.

Vários membros de sua família foram torturados e assassinados por militares e por policiais do chamado “esquadrão da morte”. A ditadura na Guatemala foi uma das mais cruéis da América Latina e contou com o apoio militar dos Estados Unidos. O golpe de Estado durou exatos 36 anos, de 1960 a 1996.

Menchú exilou-se no México, em 1981, ano em que seu pai foi assassinado por agentes de segurança na embaixada espanhola na Cidade da Guatemala. Enquanto muitos guatemaltecos optaram pela guerrilha armada, Rigoberta Menchú iniciou uma campanha pacífica de denúncia do regime militar e da severa violação dos direitos humanos de seu povo. Destacou-se também na luta contra a situação da mulher indígena na América Latina.

Em 1991, participou da elaboração da Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas pela ONU. Sua luta em defesa dos direitos dos indígenas resultou na conquista do Nobel da Paz em 1992. O ano coincidiu com a celebração do quinto centenário do Descobrimento da América.

Candidatou-se à presidência da Guatemala pelo partido de esquerda *Encuentro por Guatemala* (EG) em 2007. No entanto, não conseguiu votos suficientes para ocupar o cargo. Se fosse eleita, Menchú seria a primeira presidente mulher indígena no mundo a assumir a função. Rigoberta Menchú continua em atividade política. (Christina Vidoto)



Rigoberta: a ativista Nobel

NÃO É PRECISO SER ANTI-HOMEM PARA SER PRÓ-MULHER.

(Jane Galvin Lewis, atriz de Hollywood em atividade)

SER MULHER É UMA TAREFA TERRIVELMENTE DIFÍCIL, PORQUE CONSISTE PRINCIPALMENTE EM TRATAR COM HOMENS.

(JOSEPH CONRAD, ESCRITOR ALEMÃO)

ENSINA-SE AOS HOMENS A DESCULPAR-SE POR SUAS DEBILIDADES, E ÀS MULHERES POR SUAS CAPACIDADES.

(Lois Wyse, jornalista e publicitária norte-americana, 1926-2007)

SE ARRANHAR UM POUCO, VERÁ QUE EMBAIXO DA SUPERFÍCIE DE MUITAS FEMINISTAS HÁ UMA MULHER QUE DESEJA SER SEXUALMENTE ATRATIVA. A DIFERENÇA É QUE ISSO NÃO É O ÚNICO QUE ELA DESEJA SER.

(Betty Rollin, jornalista e escritora norte-americana)

“FÁCIL” É O ADJETIVO QUE SE UTILIZA PARA DESCREVER UMA MULHER QUE TEM A MORAL SEXUAL DE UM HOMEM.

(Nancy Linn-Desmond, autora de livros sobre a “guerra” dos sexos)

NINGUÉM RECLAMA SE UMA MULHER FOR UMA BOA ESCRITORA, ESCULTORA OU ESPECIALISTA EM GENÉTICA, SEMPRE QUE ELA TAMBÉM DEMONSTRE SER BOA ESPOSA, BOA MÃE, BONITA, ESTAR SEMPRE DE BOM HUMOR, SE VESTIR BEM, ESTAR SEMPRE ARRUMADA E NÃO SE QUEIXAR NUNCA.

(Marya Mannes, jornalista e escritora, conhecida por suas sátiras ao modo de vida norte-americano)

TEMOS QUE CONFIAR MAIS EM NÓS MESMAS. NUNCA CONHECI UMA MULHER QUE REALMENTE ACREDITASSE QUE POSSUI PERNAS MARAVILHOSAS. E AS QUE SUSPEITAM QUE POSSAM TER PERNAS MARAVILHOSAS ESTÃO CONVENCIDAS DE QUE POSSUEM UMA VOZ HORRÍVEL OU QUE NÃO TENHAM PESCOÇO.

(Cynthia Heimel, escritora norte-americana, por muito tempo colunista da revista *Playboy* e combatida por certas correntes feministas antimasculinas)

(Extraído de: *Frases Feministas*, in www.euroresidentes.com)



No Brasil, elas já estão mandando

*E NÃO PARECE HAVER
RECLAMAÇÕES, APESAR DE
ALGUNS RECALCITRANTES.
CADA VEZ MAIS, A ÚLTIMA
PALAVRA É A DO HOMEM:
“SIM, SENHORA”*

LUÍZ ERTHAL

De Anita Garibaldi a Maria da Penha, que empresta seu nome à lei sancionada em 2006 para aumentar o rigor nas punições à violência contra a mulher, muitas foram as brasileiras que se destacaram nos vários campos da sociedade. Algumas pela ousadia, como a compositora Chiquinha Gonzaga na virada do século XIX para o XX, e a atriz Leila Diniz nos anos 70; outras pelo talento, como a cantora lírica Bidu Saião e a tenista Maria Esther Bueno, em meados do século passado.

Duas delas, porém, merecem um destaque especial, seja pela ousadia, seja pelo talento, seja pelo pioneirismo, seja pelas posições políticas, mas também pela coincidência de estarem completando os seus centenários de nascimento juntamente com o Dia Internacional da Mulher: as escritoras, jornalistas e ativistas Rachel de Queiroz e Pagu.

Rachel de Queiroz

Filha de intelectuais, Rachel de Queiroz foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Ela descendia pelo lado materno do romancista José de Alencar. Ainda criança, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, fugindo da seca de 1915, fato que seria mais tarde abordado em seu romance *O Quinze*.

Estreou em jornal em 1927, com o pseudônimo Rita de Queiroz. Em 1930, aos 20 anos, publicou *O Quinze*, seu primeiro livro. Tratando dos flagelados e da pobreza nordestina, foi bem recebido pela crítica, tendo merecido comentários de intelectuais como Augusto Frederico Schmidt e Graça Aranha.

Na década de 1930, Rachel entrou para o Partido Comunista Brasileiro, desenvolvendo militância política em Pernambuco, e chegou a ser presa em 1937. Casou-se com José Auto da Cruz Oliveira em 1932. Na mesma época, colaborou como cronista para jornais e revistas e publicou uma série de traduções, de autores como Jane Austen, Balzac e Dostoiévski. Em 1937, saiu o romance *Caminho de Pedra*. Dois anos depois, foi a vez de *As Três Marias*. Em 1948, suas crônicas foram reunidas na antologia *A Donzela e a Moura Torta*.

A autora estreou no teatro em 1953 com a peça “Lampião”. Em 1958, publicou *A Beata Maria do Egito*. Em 1969, lançou *O Menino Mágico*, seu primeiro romance infanto-juvenil. Em 1975, publicou o romance *Dora Doralina*. Dois

*Rachel de
Queiroz abriu
as portas da
Academia
Brasileira
de Letras
aos talentos
femininos*



anos depois, tornou-se a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras.

Traduzida para diversos idiomas, tendo ainda livros adaptadas para o cinema e a televisão, Rachel de Queiroz obteve amplo reconhecimento por sua obra. Em 1989, a José Olympio Editora publicou a sua “Obra Reunida” em cinco volumes. Em 1992 escreveu *Memorial de Maria Moura*, romance que lhe trouxe diversos prêmios, entre eles o prestigiado Camões, dedicado ao melhor autor do ano em língua portuguesa.

Considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras, Rachel de Queiroz revelaria, em entrevista concedida pouco antes de morrer, que não gostava de escrever, mas que o fazia como forma de ganhar a vida.

A INTELIGÊNCIA DERRUBOU TABUS



A presença feminina na Academia Brasileira de Letras já não causa surpresa e tornou-se uma norma. A educação superior feminina intensificou-se nas últimas décadas e algumas carreiras profissionais já possuem maioria de profissionais mulheres.



Pagu

Musa do Modernismo
inspirou feministas

Patrícia Rehder Galvão foi a primeira brasileira do século XX a ser presa política. Aos 15 anos, começou a colaborar em jornais de bairro de São Paulo sob o pseudônimo de Patty. De acordo com o biógrafo Augusto de Campos, o apelido Pagu foi dado pelo poeta Raul Bopp, quando Patrícia lhe mostrou alguns poemas. Bopp sugeriu que ela adotasse um nome literário feito com as primeiras sílabas de seu nome e sobrenome: Pagu. Foi um engano de Bopp, pensando que a moça se chamasse Patrícia Goulart. Mas ele escreveu um poema para ela, intitulado “O coco de Pagu”, e o apelido pegou.

Tinha 19 anos, quando conheceu e foi praticamente adotada pelo casal de modernistas Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que a apresentaram ao movimento antropofágico. Em 1930, Oswald separou-se de Tarsila e se casou com Pagu, já grávida de seu primeiro filho, Rudá de Andrade.

Três meses após o parto, Pagu viajou para Buenos Aires, na Argentina, para participar de um festival de poesia. Conheceu Luís Carlos Prestes, e voltou entusiasmada com os ideais marxistas.

Filiou-se ao Partido Comunista (PCB) junto com Oswald. Foi o início de um período de intensa militância política. Em março de 1931, o casal fundou o jornal “O Homem do Povo”, que apoiava “a esquerda revolucionária em prol da realização das reformas necessárias”.

Seu primeiro romance, *Parque industrial*, foi publicada em 1933, mas Pagu teve de assiná-lo como Mara Lobo por exigência do Partido Comunista. A obra é uma narrativa ur-



bana sobre a vida das operárias da cidade de São Paulo. Correspondente de vários jornais, Pagu visitou os Estados Unidos, o Japão e a China. Entrevistou Sigmund Freud e assistiu à coroação de Pu-Yi, o último imperador chinês. Foi por intermédio dele que Pagu conseguiu sementes de soja, enviadas ao Brasil e introduzidas na economia agrícola brasileira. A seguir, Pagu foi à URSS. Registrou em *Verdade e Liberdade* sua decepção com o comunismo naquele país: “o ideal ruiu, na Rússia,

diante da infância miserável das sarjetas, os pés descalços e os olhos agudos de fome”.

Filiou-se ao PC na França, onde também fez cursos na Sorbonne, em Paris. Pagu separou-se de Oswald de Andrade e começou a trabalhar no jornal “A Platéia”. Durante a revolta comunista de 1935, Pagu foi presa novamente e torturada. Patrícia rompe com o partido ao sair da cadeia, em 1940. Estava muito doente, tentou suicídio ao ser libertada.

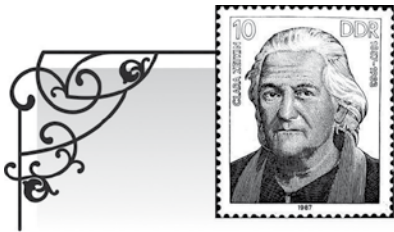
No ano seguinte, casada com o jornalista Geraldo Ferraz, teve seu segundo filho, Geraldo Galvão Ferraz. Trabalhou nos jornais cariocas “A Manhã”, “O Jornal”, e nos paulistanos “A Noite” e “Diário de São Paulo”. Com o pseudônimo de King Shelter, escreveu contos de suspense para a revista “Detetive”, dirigida pelo dramaturgo Nelson Rodrigues.

Voltou a tentar o suicídio em 1949. Nos anos seguintes, foi crítica literária, teatral e de televisão no jornal “A Tribuna”, de Santos. Nessa cidade, liderou a campanha para a construção do Teatro Municipal, além de fundar a Associação dos Jornalistas Profissionais. Também criou a “União do Teatro Amador de Santos”, por onde passariam os novatos Aracy Balabanian, José Celso Martinez Correa, Sérgio Mamberti e Plínio Marcos.

Pagu morreu em 1962, aos 52 anos, de câncer, em Paris.



Nélida Piñon (página anterior), Cleonice Berardinelli (à esquerda), Lígia Fagundes Teles e Ana Maria Machado (ao centro, acima) e Zélia Gattai (acima, à direita) marcam a presença da mulher na casa mais representativa da inteligência nacional, a ABL



Nova concepção de sociedade cria uma mulher nova

SÃO DOIS SÉCULOS DE UMA REVOLUÇÃO QUASE SILENCIOSA IMPULSIONADA POR VISÕES POLÍTICAS TRANSFORMADORAS

PROCÓPIO MINEIRO

“É na segunda metade do século 20 que o feminino, a mulher, emerge como sujeito da história - da mesma forma que o homem. E essa irrupção começa a trazer consequências já mensuráveis na própria estrutura do Estado e no sistema produtivo. Se compararmos os dez países com os maiores índices de desenvolvimentos humano (IDH) e os que possuem os maiores índices de desenvolvimento de gênero (IDG) - ambos publicados pela ONU - com os de índices menores de corrupção, no ranking da Transparência Internacional, veremos que são praticamente os mesmos. Isso pode ser lido da seguinte forma: aqueles em que a mulher está assumindo o poder com o homem são os mesmos que possuem menos crianças na rua, renda mais bem repartida, melhor educação, melhor saúde, maior expectativa de vida, etc. Em suma, sem serem os mais ricos, são os de melhor qualidade de vida.”

As observações são da feminista Rose Marie Muraro (www.rosemuraro.com.br) em artigo na Folha de São Paulo (20/12/2000). Patrona do Feminismo Brasileiro (lei sancionada por Lula em 2006 e que contém ainda a assinatura da então Chefe da Casa Civil, a hoje presidente eleita Dilma Rousseff), ela é ligada ao movimento católico de esquerda (foi da equipe de D. Hélder Câmara e compartilhou trabalhos com Frei Leonardo Boff na Editora Vozes, dos franciscanos, onde publicou muitos dos trabalhos que a tornaram destacada nas lutas pela promoção social das mulheres desde os anos 60). Rose Marie Muraro escreveu um profético artigo em 2002, na Folha de S. Paulo, pregando a necessidade de o Brasil vir a eleger uma mulher para a presidência da República.



A russa Alexandra Kollontai ajudou a moldar, em 1917, na primeira Constituição soviética, os ditames da plena igualdade civil das mulheres. No Brasil, décadas depois, Rose Marie Muraro iria destacar-se pela mesma luta, sendo reconhecida como Patrona do Feminismo Brasileiro. Em 2002, pregou que o Brasil viesse a ter uma mulher na Presidência

Luta histórica

Mas a paisagem de hoje contém elementos plantados há muito tempo. Trata-se de uma longa trajetória de lutas políticas e elaborações filosóficas, em torno da posição feminina na sociedade e que atravessou os dois últimos séculos. Os estudiosos apontam a Revolução Francesa (1789) como um momento-clímax de emergência desse debate, que nunca mais saiu da pauta ocidental.

Todo o século XIX assistiu ao aprofundamento desse tema, à medida que o capitalismo se afirmava como sistema social e econômico e provocava, pelas dolorosas transformações no mundo do trabalho, o surgimento de reflexões e experiências no sentido contrário, o da busca de um sistema socialista, no qual o progresso material pudesse se conjugar com o bem-estar generalizado.

Um dos chamados socialistas utópicos franceses, Charles Fourier (1772-1837), já dizia, em 1808: “O grau de emancipação da mulher é a medida natural da emancipação em geral”. Criador do sistema cooperativista chamado de falanstério, Fourier sugeria mudanças sociais na direção contrária ao capitalismo, incluindo, como condição necessária, uma libertação feminina completa até do sistema do casamento monogâmico.

Fourieristas fundaram colônias em diversas partes do mundo, entre elas o Falanstério do Saí (1842), a Colônia do Palmital (1843), ambos de colonos franceses, em Santa Catarina, e a Colônia Cecília (1890), no Paraná, formada por italianos. Estas experiências fourieristas anarquistas tiveram duração de poucos anos, por dificuldades

práticas diversas, mas serviram para difundir muitas das

1910-2010 – OS 100 ANOS DA MULHER

Se a Europa tem preferido governantes femininas conservadoras, como Margaret Thatcher e Angela Merkel, a América do Sul tem optado por mulheres identificadas com a militância social, como Michelle Bachelet (Chile), Cristina Kirchner (Argentina, à direita) e agora Dilma Rousseff (à esquerda), no Brasil. Representam a elevação da mulher à chefia da sociedade, numa linha de transformação e inclusão social de seus povos



idéias libertárias do pensador francês.

Em 1917, a Revolução Russa impactou o mundo pelo estabelecimento do primeiro governo comunista marxista, cujo programa de igualdade social incluía necessariamente o reconhecimento de um novo status para o sexo feminino dentro da nova ordem. Em 1920, Lenine terá uma longa conversa com Clara Zetkin, orientando-a a estruturar um movimento mundial que estimulasse a luta pela igualdade das mulheres, de forma a moldar uma nova autoconsciência feminina para a construção de uma sociedade igualitária: “Não pode haver verdadeiro movimento de massas sem as mulheres.”

E lembra que as mudanças legais já feitas pelo nascente regime soviético terão repercussões mundiais: “A primeira ditadura do proletariado é um verdadeiro pioneiro no estabelecimento de igualdade social para as mulheres. Está eliminando preconceitos de forma mais efetiva do que poderiam fazê-lo volumes de literatura feminista.”

Avançar com as mulheres

No III Congresso da Internacional Comunista, em 1921, em Moscou, e que contou com a participação ativa de Clara Zetkin e Alexandra Kollontai, também Leon Trotsky apresentou suas reflexões sobre o papel feminino na construção da primeira sociedade socialista.

“A experiência histórica demonstra que inclusive o proletariado que luta contra os opressores presta pouca atenção à opressão da mulher como dona de casa e esposa. A profundidade da questão põe de manifesto o fato de que a mulher é em essência um ponto vivo onde se cruzam as fibras decisivas do trabalho econômico e cultural. (...) É impossível avançar deixando para trás a mulher.”

Alexandra Kollontai, a revolucionária bolchevique (1872-1952) que foi ministra de Assuntos Sociais de Lênin, teorizou em numerosos escritos sobre a necessidade de plena equiparação civil da mulher ao homem, pela educação, pela profissionalização, pela participação política e pela oferta pública de apoios à formação dos filhos, como creches. Seus posicionamentos resultaram na inclusão do direito de voto, da possibilidade de divórcio e legalização do aborto na primeira constituição soviética.

Kollontai desenvolveu teses sobre a questão do amor numa sociedade socialista. Sua perspectiva do feminismo proletário era a de que os laços de amor não podem representar

a transformação da mulher em objeto de posse do marido.

A jornalista, revolucionária e parlamentar comunista alemã Clara Zetkin (1857-1933), criadora do Dia Internacional da Mulher, defendia um conceito abrangente de promoção da mulher, que significasse a igualdade civil completa entre os dois sexos. Já em 1889, no Congresso da Internacional dos Trabalhadores, em Paris, fazia uma advertência contra o pensamento de que o simples acesso da mulher ao trabalho profissional representaria um avanço por si só.

“O que fez do trabalho da mulher particularmente atraente para os capitalistas não só era seu preço mais baixo, mas também a maior submissão das mulheres. Os capitalistas especulam sobre os dois fatores: o trabalhador do sexo feminino deve ser pago tão mal quanto possível, e a concorrência do trabalho feminino deve ser empregada para reduzir os salários dos trabalhadores do sexo masculino, tanto quanto possível.”

Em 1907, em congresso da II Internacional em Copenhague, a ativista feminista alemã pregava o empenho dos partidos socialistas na luta pela inclusão das mulheres na vida política, como condição de promover a igualdade social: “Quando uma batalha a favor do sufrágio é conduzida, ela só deve ser realizada de acordo com os princípios socialistas e com a demanda do sufrágio universal para homens e mulheres.”

A revolução da mulher

Segundo o jurista Miguel Reale (www.miguelreale.com.br/artigos) “quando se fala tanto na revolução global causada pelos processos eletrônicos de comunicação, até o ponto de qualificar-se a nossa era como sendo a da Informática ou da Cibernética, parece-me que assiste razão aos que põem antes a tônica na revolução da mulher, referindo-se ao papel que o chamado belo sexo passou a representar no mundo, subvertendo-lhe as coordenadas fundamentais.”

Diz, em seu artigo “A Revolução da Mulher”, escrito em 2005, um ano antes de morrer, que “estamos perante um fato social novo, de outra natureza, como diversa expressão do “eterno feminino”, o qual, de uma forma ou de outra, representa sempre componente essencial de nosso ser social. Trata-se de um valor positivo, sobretudo no plano religioso, onde, a meu ver, o catolicismo se sobressai por ser de Cristo e também de Maria.” □

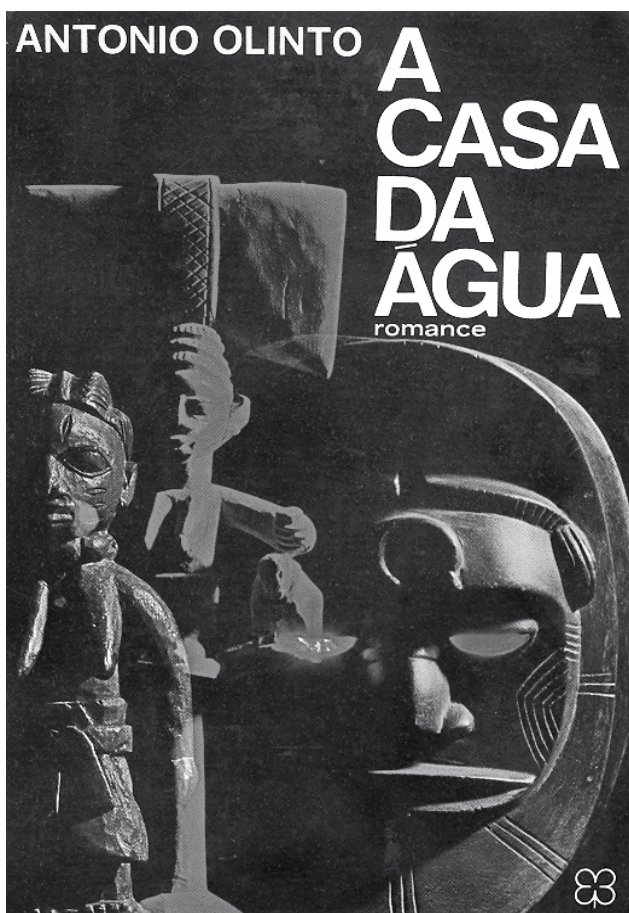
Antônio Olinto e sua viagem cultural

Um ano após sua morte, o romancista e poeta mineiro continua a ter sua obra revisitada

Procópio Mineiro

“Foi este meu romance africano que me abriu as portas da Academia Brasileira de Letras”, disse-me Antônio Olinto ao me presentear, em 2007, com um exemplar de seu livro “A Casa da Água”. O romance africano, termos que repetiu na dedicatória, expressou muito da carreira do famoso crítico e fecundo criador literário, homem que conheceu outras terras em funções diplomáticas e, na Nigéria, deu um mergulho no Brasil ao reencontrar os descendentes dos ex-escravos que voltaram à terra natal e daqui levaram e conservaram muitos costumes – base de sua narrativa embebida de história e sentimento humano, e escrita de uma forma que torna a leitura ágil, agitada, veloz.

Falecido aos 90 anos de idade, em 12 de setembro de 2009, a vida do escritor expressava essa mesma agilidade que imprimiu ao texto de “A Casa da Água”. Na oração de despedida, o então presidente da ABL, Cícero Sandroni, não esqueceu de destacar essa característica de Antônio Olinto: “É muito difícil para nós, seus confrades, entender o desaparecimento de Antonio Olinto, este homem que, aos noventa anos, levava uma vida tão intensa não só de trabalhos administrativos, de jornalista atuante, crítico literário e acadêmico assíduo, sempre pronto



“Seu Casa da água é um dos mais destacados livros do século XX. Ao se enredar na cultura africana, Olinto conheceu de perto as pessoas, as crianças, as quituteiras, a verdadeira essência daquela cultura”

ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA

a viajar para representar a Academia, e presente em todos os eventos para os quais era convidado, seja no exterior ou na mais distante cidade do interior do Brasil”.

A Academia Brasileira de Letras registrou, em sua página eletrônica, depoimentos de vários acadêmicos sobre o confrade desaparecido, cada um destacando a sua inquietude intelectual.

“Como pessoa, Antonio Olinto era uma festa móvel, um farol permanentemente apontado para a cultura africana”, comentou Marcos Vinícios Vilaça, enquanto José Sarney ressaltou “um aspecto relevante em Olinto. Ele prestou serviços ao Brasil no plano internacional, ao aperfeiçoar as ações do Itamaraty na África, pelo alto conhecimento que tinha da cultura afro e das interrelações conosco”.

Para Domício Proença Filho, “Olinto foi um dínamo da cultura brasileira, como romancista, como promotor cultural, como intelectual e acadêmico sempre inquieto, sempre presente”. Tarcísio Padilha destacou sua forma carinhosa de se portar: “Ele nos deixa um exemplo dignificante de cultivar, durante sua longa vida, as letras e fincar raízes na solidariedade e na prestimosidade”, enquanto Murilo Melo Filho lembrou sua atividade de promotor da cultura: “Rendo homenagem ao intelectual incansável distribuidor de bibliotecas pelas favelas e morros do Rio de Janeiro”. □



Antônio Olinto deixou legado de grandes serviços culturais ao Brasil

AVE, ANTONIO OLINTO

ARNALDO NISKIER

OLINTO foi um aplicado seminarista, depois professor de latim, exerceu notáveis funções diplomáticas, sobretudo na Inglaterra e na África, mas fez o seu nome na literatura brasileira, como um rigoroso crítico literário. Até hoje é lembrada a sua "Porta de Livraria" de O Globo, publicada durante 25 anos seguidos e responsável pela descoberta de novos talentos.

Lembro um fato que ocorreu um dia depois da sua posse na Academia Brasileira de Letras. Zora Seljan, sua esposa, pediu-me audiência, em casa. Ao recebê-la, levei um susto. Ela só queria fazer um pedido: "Aproveite bem o talento do Olinto. Sei que, com você, ele poderá realizar muitos dos seus melhores projetos." E assim foi.

Senti o quanto de amor havia na preocupação de Zora com o seu querido Olinto, que a ela dedicou, anos mais tarde, o seu "Ave Zora Ave Aurora": "Ave Santa, Ave o que vai além do ser normal/Ave a palavra que a santa diz/Ave Zora na sua fé, no seu avanço/Além do necessário..."

O mineiro de Ubá, que homenageou com um belo livro o seu inesquecível conterrâneo Ari Barroso, dirigiu nos últimos anos o Departamento de Bibliotecas Municipais do Rio de Janeiro, tendo reformado mais de 20 delas e as transformou em

centros de estudo e literatura, destinados a crianças e jovens. Tinha o gosto especial pela educação e pelo enlace cultural Brasil-África, como demonstrou nos seus livros essenciais "A Casa da Água", editora Bloch, 1969; "O Rei de Keto", Nórdica, 1980 e "Trono de Vidro", Nórdica, 1987, os três traduzidos para 19 idiomas, com mais de 30 edições em língua estrangeira e outras tantas em língua portuguesa.

Depois de três anos de intensa vida cultural em Lagos, na Nigéria, apaixonou-se pela história, a música e as artes plásticas do continente africano, do qual trouxe para o Brasil a mais completa coleção de máscaras existentes em nosso território e que esperamos seja preservada pela família.

Ele não pôde assistir ao lançamento do livro "Antônio Olinto, 90 anos de paixão", escrito pelo seu amigo José Lins de Albuquerque. Mas seguramente em espírito esteve ao nosso lado, repetindo no meu ouvido, baixinho, o que costumava dizer sempre: "Não podemos abandonar a luta pela educação."

ARNALDO NISKIER
da Academia Brasileira de Letras
e presidente do CIEE/Rio

Teixeira e Sousa, o criador do romance brasileiro

Numa época em que se buscava fixar uma identidade literária para o novo país independente, Teixeira e Sousa criou nosso primeiro romance, O Filho do Pescador, com figuras populares vivendo o clima tropical e o ambiente social da época, em tramas folhetinescas a que os enredos das novelas televisivas de hoje rendem homenagem.

Pesquisadora propõe que se revise a obra do autor, para desfazer o rigor de uma crítica que o julgou de forma anacrônica e situá-lo de modo mais objetivo e favorável no panorama da Literatura Brasileira

PROCÓPIO MINEIRO



Falecido precocemente aos 49 anos, em 1861, o mulato cabofriense Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa tem sido lembrado de formas díspares ao longo destes quase 150 anos de sua morte. De um lado, críticos literários o consideram um escritor menor e outros reproduzem as avaliações dos precedentes. Do outro lado, a cada ano vem sendo ele lembrado por uma semana inteira de eventos literários em sua cidade natal, Cabo Frio, quando seu pioneirismo na criação de um romance nacional merece destaque.

Talvez a sombra que cerca o nome de Teixeira e Sousa não existisse, caso ele tivesse sobrevivido até 1897, quando estaria com 85 anos, e, quem sabe, merecesse um convite para integrar a nascente Academia Brasileira de Letras, dando nome a uma das cadeiras dos 40

notáveis das Letras nacionais de então. O presidente vitalício da ABL, Machado de Assis, iria, por acaso, esquecer-se de uma de suas admirações e inspirações da juventude?

Afinal, o jovem Machado dedicara um longo poema ao escritor, já em 1855, referindo-se à obra lírica de Teixeira e Souza e chamando-o de Gênio Americano.

ESCRITOR E ESCRIVÃO, POETA E MARCENEIRO

A própria vida de Teixeira e Sousa tem muito de romanesco, desde sua origem popular, filho de um português, marceneiro construtor de barcos, e de uma negra, tendo nascido em 1812, até sua precoce entrada no mundo do trabalho, na profissão do pai, seguida de uma orfandade completa ainda na adolescência, pela



Em janeiro de 1856, o jornal de Paula Brito estampou o primeiro capítulo do *As Fatalidades de Dois Jovens*, romance de Teixeira e Sousa

sabia que novo criar. Intuíva-se, porém, que era hora de afirmar a nacionalidade – a terra, o país, o nosso jeito, a nossa gente, nossos valores humanos, o homem brasileiro.

O romantismo foi o instrumento dessa necessidade ideológica de espelhar um país que engatinhava em meio a surtos de violência política e agudo atraso social, imerso em escravidão e ruralismo, onde o micromundo da aristocracia vivia com a cabeça e o coração na Europa e aqui desafiava um oceano de miséria.

Só em 1836, Domingos José Gonçalves de Magalhães, médico, poeta e futuro diplomata e Visconde de Araguaia, lançaria seus *Suspiros Poéticos e Saudades*, impresso na França, e criaria, já no Brasil, sua revista “Nichteroy”, cujo primeiro número representaria o lançamento do Romantismo no Brasil, pelo estudo analítico “Discurso sobre a História da Literatura do Brasil”, no qual lança a proposta: “Pode o Brasil inspirar a imaginação dos poetas e ter uma poesia própria?”

O desafio logo seria enfrentado por todos os que se dedicavam às letras e viam na Literatura uma forma especial de moldar uma nova concepção do Brasil e do homem brasileiro – uma visão nova, libertada da moldura portuguesa que imperava até então. Assim, os nossos poetas românticos vão esquecer de vez as reminiscências greco-romanas e as águas do Tejo, e descobrem, enfim, os pátrios verdes mares bravios, as palmeiras, a pujante floresta tropical, suas flores e pássaros, e, enfim, a nossa própria humanidade: o homem comum, o índio, o negro, o mestiço de todos os tons. A literatura começa a forjar, enfim, uma visão brasileira do Brasil.

TEIXEIRA E SOUSA, UM OLHAR POPULAR

“Damos hoje a conclusão do romance do Sr. Teixeira e Sousa – *Maria, ou a menina roubada* – agradável produção deste nosso romancista, figurada toda em nosso país, e apresentando cenas dos nossos usos e dos nossos costumes”, escrevia Paula Brito na *Marmota Fluminense*, em 18 de fevereiro de 1853, a propósito do quinto romance do autor, publicado em capítulos no jornal, entre 10 de setembro de 1852 e 18 de fevereiro de 1853.

A preocupação de Paula Brito em acentuar o brasileiro do enredo comprova o compromisso de Teixeira e Sousa em criar visões características de nosso país e ambientar suas histórias no meio social popular. Em *Maria, ou a menina roubada*, Teixeira e Sousa conta um caso de sequestro infantil. O autor do crime conta com o apoio de um casal de negros praticantes de mandingas, mas um escravo bom, José Pachola, vai lutar para libertar a criança e devolvê-la ao pai. A menina, porém, acaba fugindo, é encontrada por um grupo de tropeiros em viagem para Minas, sendo adotada pela parente de um deles em Paraíba do Sul.

morte dos pais e dos vários irmãos em curto espaço de tempo.

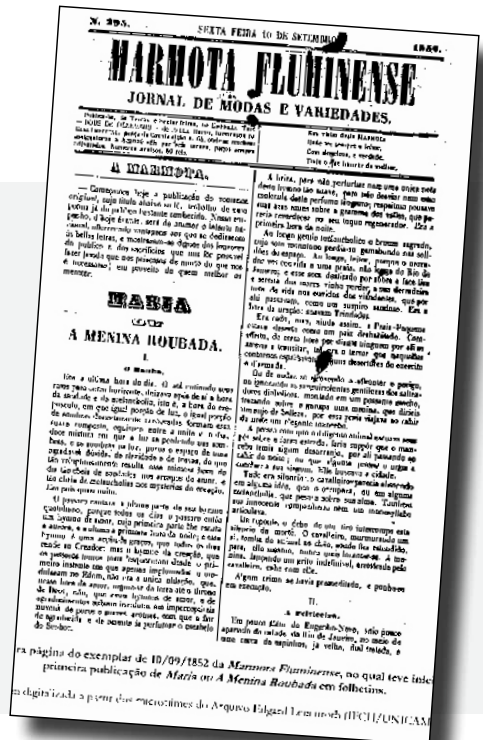
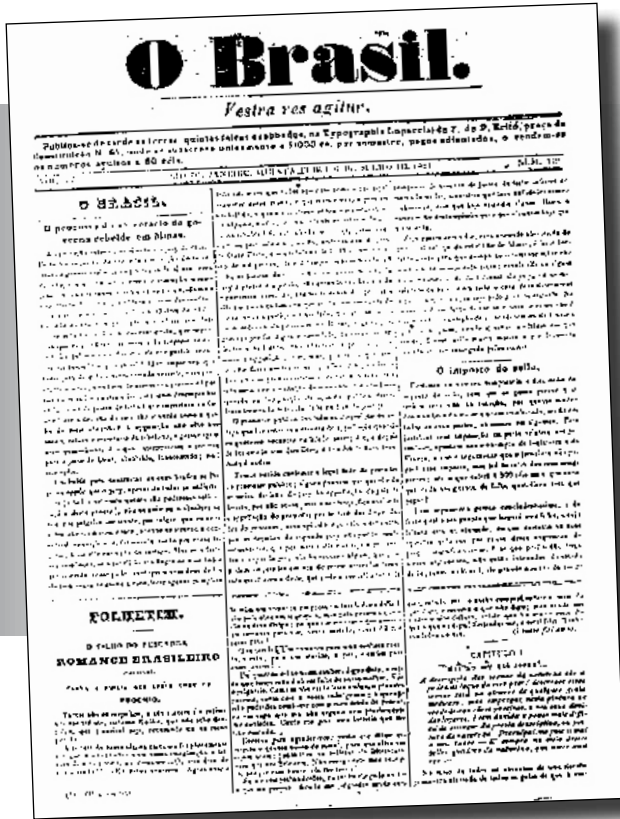
O caminho das letras foi-lhe assegurado, certamente, pela amizade com o livreiro e jornalista Paula Brito, da “Marmota Fluminense”, com quem passou a trabalhar desde os 27 anos. Como se sabe, a livraria, a tipografia e o jornal de Paula Brito eram ponto de encontro de letrados e candidatos a letrados, e muitos devem a carreira à sua acolhida e incentivo, como o adolescente Joaquim Maria Machado de Assis, que conviveu com um Teixeira e Sousa já quarentão e na Marmota publicaria seu primeiro poema, em 1855.

Teixeira e Sousa será mais tarde professor primário e acabará nomeado escrevente da Junta Comercial, cargo que exercia ao morrer, aos 49 anos, a 1º de dezembro de 1861, legando à esposa e aos seis filhos “um nome honrado e pobreza”, como se registrou num de seus necrológicos.

Mas deixara também um legado notável à Literatura brasileira: inaugurara o romance nacional em 1843 e produziu seis deles em apenas 12 anos, além de obras poéticas e peças de teatro, num exemplo de superação contra as sempre difíceis condições de vida. Suas obras gozaram do favor do público, neste incluído o imperador Pedro II, e algumas foram logo reeditadas.

LITERATURA, ESPELHO DE UM POVO

Aqueles anos 30 e 40 do século XIX eram pura ebulição no Brasil. Independência recente, crises políticas profundas, guerras internas ameaçando o país e pondo em risco o regime monárquico, rejeitava-se o antigo (o clássico, o colonial, o lusitano, que representavam a antiga sujeição nacional), mas ainda não se



"O Brasil" publicou em capítulos "O Filho do Pescador", o primeiro romance brasileiro, em 1843, e a Marmota Fluminense, em 1852, seriou "Maria ou a Menina Roubada"

Onze anos depois, já com 17 anos, a menina, Maria, reencontra, em circunstâncias dramáticas, o pai que ela acreditava ter sido morto por ocasião do sequestro. Aí segue-se o final alegre: a moça casa com o rapaz de seus sonhos e o pai, feliz, vai cumprir a promessa que fizera, caso reencontrasse a filha – vira frade. O bom escravo Pachola ganha a liberdade. No miolo, questões morais e religiosas, o bem e o mal, a sociedade rural e escravista em cena.

O romance inaugural de Teixeira e Sousa e da literatura nacional – *O Filho do Pescador*, de 1843 – envolve tipos populares, intrigas, crimes, sedução, surpresas e um desenlace que envolve o toque brasileiro da cordialidade e do perdão sob o influxo do espírito católico, cabendo à vilã reparar seus erros internando-se num convento. O negro nobre e heróico, apesar de escravo, aparece logo nesse primeiro romance, afirmando, pela pena de Teixeira e Sousa, a igualdade dos homens.

Branços maus, brancos bons, escravos maus, escravos bons, os vícios sociais dominantes e de todos conhecidos, o crime e o espírito religioso, o triunfo do amor num ambiente social característico do dia a dia do leitor – este o tecido da prosa romântica de Teixeira e Sousa. O escritor, mulato e pobre, cuidará de destacar, em especial, a figura do negro, numa crítica à escravidão: sempre haverá em seus enredos um escravo de grande integridade moral, dotado de atitudes heróicas, como prova da igualdade humana que deveria ser reconhecida pela sociedade acima do tom da pele.

Teria sido esta uma característica da narrativa de Teixeira e Sousa que desagradaria os críticos que, décadas depois, em plena era do "racismo científico", desqualificaram sua obra? Ou a presença constante da religiosidade como contraponto às maldades, numa época de agnosticismo?

UMA HISTÓRIA NACIONAL

"Em seu pioneirismo que literatura romântica brasileira, tateando o tema, o ritmo, a estrutura da obra, sentindo a falta de um ambiente verdadeiramente literário, Teixeira e Sousa, no não entanto, fez duas escolhas que me parecem importantes, que serão seu postulado, sua visão de mundo, que marcarão seu olhar sobre que história nacional contar", observa o escritor cabofriense José Correia, em "Um Teixeira e Souza real" (Jornal de Sábado, 28/03/2009, Comentário, p. 7). Estas duas escolhas, segundo o escritor e secretário de Cultura daquele município, consistiram em enfocar um país injusto e em destacar o negro como sujeito, ser humano pleno, e não como mero objeto de trabalho.

"Por um lado, o geral, o Brasil em que ele se inspira é marcado por golpes baixos – sequestros, assassinatos, em que nem sempre o bem sai vencedor – e, em particular, o tratamento que ele dá ao negro, embora visionário para aquele Brasil de seu tempo, era conceitualmente universal, o negro não como objeto, como instrumento de trabalho, mas como sujeito, como homem. Ele diz textualmente em *O Filho do Pescador*: " Também num escravo se podem deparar com estímulos dignos do mais honrado homem livre!". Para aquele momento da história brasileira, este princípio se situava além da ideologia liberal baseada no trabalho escravo", acentua José Correia.

REVISÃO NECESSÁRIA

A obra de Teixeira e Sousa mereceu estudos aprofundados, recentemente, por parte da pesquisadora paulista Hebe Cristina da Silva, ao defender sua tese de doutorado em Literatura, na Universidade de Campi-

nas, enfocando a obra do autor cabofriense. Segundo a estudiosa, o juízo desfavorável sobre a obra de Teixeira e Sousa, transmitido aos nossos dias pela crítica literária, pode não corresponder à realidade da época do escritor.

Em seu estudo “O Lugar de Teixeira e Sousa como Romancista no século XIX”, (editado pela Prefeitura de Cabo Frio, 2008, 104 p.), Hebe Cristina da Silva assinalou que “os dados apresentados no presente texto possibilitam-nos perceber que Teixeira e Sousa alcançou reconhecimento como romancista no século XIX. Nos textos críticos contemplados, ficou patente a importância atribuída ao autor quando se tratava da formação do romance brasileiro, tendo em vista que os homens de letras da época concederam a ele um lugar de destaque entre os escritores do período. A produção romanesca do autor também foi apreciada pelo público não especializado, como indicou o número relativamente alto de edições em folhetim e em volume de suas obras e as manifestações espontâneas de apreço que alguns leitores demonstraram, por exemplo, ao escrever poemas em sua homenagem.”

“Nesse sentido – continua a pesquisadora Hebe Cristina da Silva – acreditamos ser possível propor um reexame da imagem de Teixeira e Sousa que se perpetuou ao longo do século XX. Apesar de suas obras em prosa terem sido sucedidas pela produção de escritores que manejeram com maior destreza as técnicas de produção de narrativas, como José de Alencar e Machado de Assis, o autor teve importância significativa no contexto da formação do romance brasileiro.”

“Os dados mencionados no presente texto também nos permitem pensar em algumas questões relativas à canonização e aos juízos críticos que se perpetuam a respeito de determinados escritores: que fatores levaram à desvalorização de um autor que foi tão apreciado em sua época? É válido desqualificar a produção de um escritor analisando-a segundo critérios anacrônicos e comparando-a com a obra de escritores posteriores? O estudo da recepção dos romances de Teixeira e Sousa, assim como a investigação da trajetória do autor e a análise de suas produções em prosa, oferecem respostas interessantes para essas questões e fornecem dados significativos para o estudo do início da produção de romances no Brasil.”

ENREDOS BRASILEIROS

A obra de Teixeira e Sousa envolve a produção de romances, poesia e teatro, entre 1840 e 1855, dos 28 aos 43 anos. A partir de 1855, dedica-se ao trabalho de reeditar obras.

Os romances são: “O Filho do Pescador” (1843), “As Fatalidades de Dois Jovens” (1846), “Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta” (1847), “Gonzaga ou a Conjuração de Tiradentes” (1848-51), “Maria ou A Menina Roubada” (1852), “A Providência” (1854).

Em poesia, compôs “Cânticos Líricos” (1841-42), “Os Três Dias de um Noivado” (1844) e “A Independência do Brasil” (1847-55).

Em teatro, Teixeira e Sousa escreveu “Cornélia” (1840), “O Cavaleiro Teutônio ou A Freira de Marienburg” (1855), além de “As Mensageiras do Amor” (1851) e “A Sorte” (1851). □



Machado canta um gênio

Além de iniciador do romance nacional, Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa foi um poeta delicado, que produziu “Cânticos Líricos” (2 volumes, 1841 e 1842), “Os Três Dias de um Noivado” (1844) e “A Independência do Brasil” (1847).

Entre 1843 e 1854, porém, Teixeira e Sousa lançara os seis romances que inscreveram seu nome na iniciante literatura romântica em prosa. Por isso, havia quem sentisse saudades de novas poesias do autor: o jovem Machado de Assis, que aprendera o ofício de tipógrafo com Paula Brito e Teixeira e Sousa, foi um deles. O poema abaixo, de 1855 e em versos brancos, é um elogio ao autor e um pedido a que Teixeira e Sousa retomasse sua obra poética, reafirmando a precedência do cantar nacional sobre o olhar estrangeiro, para “orgulhar a nossa terra” e “emudecer a Grécia”.

O Gênio adormecido

*Do Grego Vate expande-se a harmonia
Em teus sonoros carmes! Na harpa d'ouro
Do sacro Apolo, Trovador, dedilhas
Doces cantos que o espírito arrebatava
Ao recinto celeste!*

*Em cit'ra de marfim, com fios d'ouro
Cantaste infante, para que mais tarde
A fama ativa as tubas embocando
Com voz imensa proclamasse aos mundos
Um Gênio Americano!*

*E tu dormes, Poeta? Da palmeira
No verde tronco penduraste a lira
Após nela entoar linda epopéia,
Que mau condão funesto à nossa pátria
Faz soporoso o Vate!*

(...)
*Toma a lira de novo, e um canto vibra,
E depois ouvirás a nossa terra
Orgulhosa dizer: - Grécia emudece,
Dos Vates berço, abrilhantado surge
O Gênio adormecido.*

(Publicado na Marmota Fluminense, de Paula Brito, em 28/10/1855, com a assinatura do jovem J.M.M. d'Assis, então com 16 anos)

Numa escola, alegria é a palavra de ordem

Literatura e arte são ingredientes indispensáveis para a educação de crianças especiais

CHRISTINA VIDOTO E RENATA VIEIRA

Rodas de contação de histórias, teatro, pintura e muita música marcaram a V Feira Literária da Escola Estadual de Educação Especial Anne Sullivan, realizada em outubro em Niterói. Em sua quinta edição, a Feira é resultado do Projeto Leitura, Arte e Diversidade, que, ao longo do ano letivo, estimula a imaginação e a criatividade dos alunos através de atividades envolvendo literatura, música e artes plásticas.

No pátio da instituição, foram montados estandes onde os alunos puderam brincar com jogos de memória, colorir desenhos e ter aulas de dobradura. Também foram expostos ao público diversos trabalhos confeccionados pelos alunos em sala de aula: livros, recorte e colagem, maquetes e cartazes.

Vânia Boechat, diretora da escola, afirma que “as crianças participam ativamente. Para elas, este é um trabalho de muita importância.”



Vânia Boechat, diretora



Exibindo os trabalhos de arte



Arte e diversão na Tenda de Leitura

A roda de contação de histórias foi a principal atração do evento. Acompanhadas de uma intérprete da Linguagem Brasileira de Sinais (Libras), crianças portadoras de deficiência na fala, na audição e no desenvolvimento intelectual encenaram pequenos esquetes que davam ênfase às formas de comunicação não-verbais. Baseados no “Livro dos Gestos”, de Ruth Rocha, os alunos apresentaram as formas de percepção através das cores, dos gestos, dos símbolos e das expressões faciais, trabalhadas em sala de aula.

Frente a uma platéia animada e participativa, os alunos também fizeram apresentações musicais – a escola tem uma banda chamada Sullivetes. Paulo Alexandre, professor de música há 19 anos, explica que, para crianças especiais, a sincronia exigida pela música é algo muito complicado, mas ressalta: “Tem dia que eu fico impressionado como os alunos estão tocando em harmonia, eles pegam rápido.”

A poesia também é um dos talentos dessas crianças. A adolescente Gabrielli, que participa das oficinas de texto, teve sua poesia lida no evento pela professora Sheila:

MEU LUAR

GABRIELLI

*Seus olhos são como o mar,
Como o sol a me esquentar.
As estrelas sabem brilhar.
Olho para o céu, aprendo a esperar.
Quando o vento balança o meu amor,
Nasce o luar.*

Este ano, a Feira lançou seu segundo jornal – impresso no parque gráfico da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro –, onde constam poemas, desenhos e pinturas dentre outras artes produzidas pelos alunos. “É muito importante que vocês vejam do que as nossas crianças são capazes”, afirma, orgulhosa, a diretora Vânia Boechat. □

RIO **CONTRA** **DENGUE**

www.riocontradengue.com.br

**DENUNCIE
OS FOCOS DO
MOSQUITO**



Aqui é tudo preto no branco.
Até na internet.



Diário Oficial na Internet:
www.imprensaoficial.rj.gov.br

ACESSE!

O Diário Oficial agora é também 100% eletrônico. Além de poder ler o D.O. na internet, você ganha mais segurança e rapidez no envio de matérias e os atos oficiais são publicados com mais economia e agilidade.

Para anunciar ligue para uma das agências da Imprensa Oficial.

Agência Niterói: agnit@imprensaoficial.rj.gov.br Tels.: (21) 2719.2689 ou (21) 2719.2705

Agência Rio de Janeiro: agenciario@imprensaoficial.rj.gov.br Tels.: (21) 2332.6550 ou (21) 2332.6549



**GOVERNO DO
Rio de
Janeiro**